1049/1) a Dbg

Borba Moraes, I, 113/14
F. gravure algorize?

Inocencio X, 196/197
não fala de gra
algumas

John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library
Brown University
Purchased from the
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

APPLAUSOS NATALICIOS

COM QUE A CIDADE DA BAHIA CELEBROU A NOTICIA DO FELICE

PRIMOGENITO

DO EXCELLENTISSIMO SENHOR

DOM ANTONIO DE NORONHA,

CONDE DE VILLA VERDE, DO CONSELHO de Sua Nag. & ſeu Meſtre de Campo General, & Governador das Armas da Provincia de Entre Douro, & Minho;

NETTO

DO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. PEDRO ANTONIO DE NORONHA,

CONDE, E SENHOR DE VILLA-VERDE, MARquez de Angeja, ViceRey, & Capitaõ General do Eſtado da India, Meſtre de Campo General dos Exercitos de S. Mag. General da Cavallaria da Provincia de Alem-Tejo, & Governador das Armas da meſma Provincia Vedor da Fazenda da repartiçaõ do Reyno, & dos Conſelhos de Eſtado, & Guerra do meſmo Senhor; ViceRey, & Capitaõ General de Mar, & Terra, & Eſtados do Braſil; Senhor das Villas de Angeja, Pinheyro, & Bemposta Cõmendador das Cõmendas de Santo André de Aljezur da Ordem de Santiago, & da de S. Salvador de Boisõs, S. Salvador da Ribeyra de Pena, Santa Maria de Alvarẽga, S. Pedro de Cayde, & Santiago de Pennamacor, da Ordem de Chriſto.

Autor o Capitaõ JOAM DE BRITO, E LIMA.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de MIGUEL MANESCAL, Impreſſor do Santo Officio, & da Sereniſſima Caſa de Braganca. Anno de 1718.

Com todas as licenças neceſſarias.

AO CAPITAM JOAM DE BRITO & Lima descrevendo em quatro metricos Cantos as festas, que nesta Cidade da Bahia se fizeraõ ao Excellentissimo Senhor Marquez ViceRey pelo nascimento de hum Neto, preclarissimo herdeyro da sua Casa.

SONETO.

QUando o triunfo descreveis luzido,
Cõ q̃ applaude a cabeça deste Estado,
De Villa-Verde o fruto sazoado,
De Angeja o successor esclarecido.
Por vós, concento, & solio envelhecido
De Apollo, & Musas vemos ampliado,
O Sol a quatro Esfèras dilatado,
O coro em quatro Cantos repetido.
Da vossa voz sonora o som dispersо,
Que o Consistorio do Parnaso anima,
He doce consonancia do Universo;
Porq̃ quando em cristaes de tãta estima,
Na Hipocrene bebeis o claro verso,
De casa lhe applicais a sutil lima.

Sebastiaõ da Rocha Pita.

A FICÇAM QVE FEZ O AVTHOR DA obra João de Brito Lima, de ser arrebatado ao Coro das Muſas.

DECIMAS.

LA' com metros de alegria
No Parnaſo ſe cantava,
E inda que a lyra pulſava,
Apollo nada dizia:
E como bem entendia
Que era por falta de voz,
Pelo Pegaſo veloz,
Deſpedindo-o neſſe inſtante,
Para que ſuave cante,
Manda, buſcar, Brito, a vòs.

JA neſſe Coro eſtrellado
Vos collocão corteſmente
As Muſas, & reverente
Apollo vos põem ao lado
E comvoſco ja ſentado
Fere a lyra, canta agudo:
Mas foy-ſe tornando mudo
Ao voſſo Canto ſuave,
Pois deſcendo a voz ao grave,
Vòs ſubieis ao ſobre-agudo.

AO MESMO AVTHOR DEBAYXO da allegoria, ou metafora de tres Aves Reaes, Aguia, Fenix, & Ciſne.

DECIMA.

COm voo muy remontado
Qual Aguia vos pareceis,
Pois no eſtylo em que dizeis
Vos moſtrais muy ſublimado:
Como o Fenix abrazado
Renaſceis com verſos taes;
E como Ciſne cantais
Docemente, porèm quando
O Ciſne morre cantando,
Brito cantando matais

AD EVNDEM AVTHOREM

EPIGRAMMA.

DVm tua Muſa canit, gratos in carmine flores
Fundis, & innumeras mittis ab ore roſas.
Alba liguſtra cadunt, vaccinia nigra leguntur.
Funduntur violæ, lilia plura jacent.
Omnia ſunt flores; ſed ſunt tua carmina, Brite:
Ergo quid dicis florea rura ſapit.

Hæc carmina faciebat

ALOYSIUS CANELLO DE NORONHA.

AO CAPITAM JOAM DE BRITO DE Lima em louvor dos quatro Cantos panegyricos, em que deſcreveo as feſtas, que na Cidade da Bahia ſe fizerão pelo naſcimento feliz do Neto do Excellentiſsimo Senhor Marquez de Angeja Vice Rey do Eſtado do Braſil.

SONETO.

QUatro rios perennes fertiliſan
Los quadros del terreſtre Paraiſo,
Quando ſierpes de liquido graniſo
Criſtal eſcupen, y las flores piſan:
Aſſi tus rios metricos ſuaviſan
La America del Orbe culto Eliſo,
Tributando al Paſtor del noble Anfrizo
Quatro Cantos, con que ſe immortaliſan.
Mas ſi aquellos del Orbe diſcurriendo
Las quatro partes van al Oceano
Abrir ſu ſepultura feneciendo,
Oy los tuyos con modo ſoberano
Van nel mar de la emprenta renaciendo
Para blaſon del plectro Americano.

AO CAPITAM JOAM DE BRITO Lima escrevendo em Oytavas as mesmas festa

Por hum intimo amigo do Author.

DECIMAS.

I.

COM festas de nascimento,
Oytavas de tanta gloria,
Quem as daria à memoria
Mais que o vosso entendimento?
Foraõ as festas portento,
Portento as Oytavas saõ;
E he tal a connexam,
Que tem aquellas com estas,
Que entre as Oytavas, & as festas,
Cuido não ha distinçaõ.

DE.

DECIMA

2.

FOraõ as feſtas de guardas,
De guarda as Oytavas vem,
Quem guarda as Feſtas tam bem,
As ſuas Oytavas guarda:
Grande ſorte vos aguarda,
Lima, neſte Arcebiſpado,
Pois nos verſos tam limado
Sois, que por Deos da Poeſia,
Ainda hade ſer na Bahia
O voſſo nome guardado.

A AMBOS OS AVTHORES COM a metafora da ſolfa pelo meſmo.

SONETO.

Saõ neſſe duo, q̃ ambos compuzeſtes;
Maximas as emprezas que tomaſtes,
Longas as diſcriçoẽs com que entoaſtes
Eſſes breves diſcurſos que fizeſtes.
Foy a voz eſſe Sol que encareceſtes,
O Signo eſte Solar que exageraſtes,
O tempo o mais perfeyto em que cãtaſtes,
Propriedade a com que deſcreveſtes.
Os pontos todos ſaõ de perfeyçaõ,
As pauſas todas da mayor valia:
Deſe pois eſſe duo à impreſſam;
Para que em taõ ſuave melodia,
Se veja em Portugal com attençaõ,
Que tal he eſta ſolfa da Bahia.

LI-

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

O P. M. Dom Antonio Caetano de Souſa, Qualificador do Santo Officio, veja o livro intitulado, Applauſos Natalicios, de que trata eſta petiçaõ, & informe com ſeu parecer. Lisboa 10. de Dezembro de 1717.

Rocha. Fr. R. Alancaſtre. Guerreyro. Portocarreyro.

CENSVRA DO P. M. DOM ANTONIO Caetano de Souſa.

EMINENTISSIMO SENHOR:

VI por ordem de Voſſa Eminencia o livro intitulado, *Applauſos Natalicios*, que conſta de hum Poema, que compoz o Capitaõ

Capitão Joaõ de Brito & Lima, & de hum Diario Panegyrico em proſa que eſcreveo o Deſembargador Caetano de Brito & Figueyredo em elegante eſtylo hum, & outro papel, que não contem couſa alguma contra noſſa Santa Fè, ou bons coſtumes. Cada hum deſtes Authores pertende na ſua obra levantar hum Obeliſco contra as injurias do tempo, para que não fique ſòmente na duvidoſa tradição dos homens, a memoria que deſejão eternizar do ſeu ViceRey Dom Pedro Antonio de Noronha, Marquez de Angeja; tam bem quiſto dos moradores da Bahia, que em gratificação do que devem às ſuas prudentes maximas, ornadas de natural benignidade, cuidàrão no modo de lhe augmentar o goſto recebido com a agradavel nova de ter naſcido à preclariſſima Caſa de Villa-Verde, herdeyro Varão. E aſſim agradecidos ao ſuave governo com que os domina, quizerão com publicas demonſtraçoens manifeſtar o ſeu amor:

o que

o que bem ſe deyxa ver da magnificencia & profuſaõ, com que por muytos dias eſtes nobres Cidadãos em luzidas feſtas parece querião diſpender todo o ouro que produzem as minas, de que ſe enriquece o grande Eſtado da America Portugueza; dando mais com eſta evidencia aos ſeculos vindouros, hũa illuſtre demõſtração da ſua affectuoſa generoſidade. E aſſim me parece eſte livro muy digno da licença que pede. Lisboa Occidental na Caſa de noſſa Senhora da Divina Providencia 13. de Dezembro de 1717.

Dom Antonio Caetano de Souſa C. R.

O

O P.M. Fr. Manoel Guilherme, Qualificador do Santo Officio, veja o livro de que trata esta petição, & informe com seu parecer. Lisboa Occidental 14. de Dezembro de 1717.

Rocha. Fr. R. Alancastre. Guerreyro. Portocarreyro.

CENSVRA DO M.R. P. M. Fr. MANOEL Guilherme.

EMINENTISSIMO SENHOR:

COm a brevidade possivel li este papel, & me conformo em tudo com o primeyro P. M. Consultor. S. Domingos de Lisboa Occidental 17. de Dezembro de 1717. *Fr. Manoel Guilherme.*

VIstas as informações, pode-se imprimir o livro de que faz mençaõ esta petiçaõ, & impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella naõ correrà. Lisboa Occidental 17. de Dezembro de 1717.

Rocha. Fr. R. Alancastre. Guerreyro. Portocarreyro.

DO

DO ORDINARIO.

POde-se imprimir o livro intitulado; *Applauſos Natalicios*, & depois de impreſſo tornará para ſe conferir, & dar licença que corra, ſem a qual não correrá. Lisboa Occidental 10. de Fevereyro de 1717.

Cardozo.

DO PAÇO.

VEja Louréço Botelho Souto Mayor eſte papel, & com o ſeu parecer o remeta a eſta Meſa. Lisboa 12. de Fevereyro de 1717.

Andrade. Botelho. Oliveyra. Noronha.

SENHOR.

EStes Applauſos Natalicios ſaõ duas Relaçoẽs em verſo, & proſa das feſtas, com que em a Bahia de todos os Santos ſe celebrou a nova do naſcimento de hum Neto do Marquez de Angeja ViceRey naquelle Eſtado: & depois de não conterem

couſa

couſa que encontre o ſerviço de V. Mag. ſe dedicão ao obſequio de hum Vaſſallo muyto benemerito deſte Reyno aſſim pela qualidade hereditaria de ſua alta nobreza, como por ſuas acções peſſoaes em paz, & em guerra; pelo que me parecem dignos da eſtampa. V. Mag. mandarà o que for ſervido. Lisboa Occidental 23. de Dezembro de 1717.

Lourenço Botelho Souto Mayor.

POde-ſe imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, & Ordinario. Lisboa Occidental 23. de Dezembro de 1717.

Andrade. Botelho. Oliveyra. Noronha. D. Guedes.

POEMA ELOGIACO,

&

NARRAC, AM VERDADEYRA,

em que se descrevem as festas, que o Mestre de Campo

JOAM DE ARAUJO DE AZEVEDO

Mandou celebrar na Cidade da Bahia em obsequio

DO

PRIMOGENITO

DO EXCELLENTISSIMO SENHOR

CONDE DE VILLAVERDE,

NETO, E HERDEYRO DA CASA

DO EXCELLENTISSIMO SENHOR

MARQUEZ DE ANGEJA,

Dignissimo Vice-Rey dos Estados da India, & do Brasil, Capitam General de mar, & terra, do Conselho de Estado, & Guerra de Sua Magestade, q̃ Deos guarde, Vèdor da sua Real Fazenda.

A DE-

DEDICATORIA.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

SONETO.

EM crespusculos rompe o Sol infante
Os parpados da Aurora transparente:
Do Zenith desce ao pallido Occidente
Trocando a pira em urna de diamante.
Tendo em reflexos sempre a luz brilhãte,
Parece mais activa, quando ardente,
Purifica o metal resplandecente,
As plantas vivifica rutilante.
Mecenas vos invoco, Heroe preclaro,
Porque de vòs meu plectro defendido,
Não devòre o rigor do tempo avaro.
E qual Apollo sempre esclarecido,
Vosso nome servindolhe de amparo,
Fareis (senão mayor) mais conhecido.

O mais affectuoso, & humilde criado de Vossa Excellencia

JOAM DE BRITTO E LIMA.

CAN-

CANTO I.

I

NAõ cáto as excellẽcias ſublimadas,
Do inclyto Vice-Rey eſclarecidas,
Que da fama nos eccos dilatadas,
Saõ de hú polo, a outro polo conhecidas.
As feſtas na Bahia celebradas,
Por ſerem a tal objecto offerecidas,
Cantando eſpalharey pelo Univerſo
Com toſca lyra, & mal limado verſo.

2

Que acçaõ fora (Senhor) pouco acertada,
E menos de admirar voſſo reſpeyto,
Se coubera na voz articulada,
O que apenas ſe exprime no conceyto.
E he mais facil a maquina eſtrellada,
Vella contada em numero perfeyto,
Reduzir eſſe pelago de neve
Na breve esfera de huma concha breve.

3

A Lyra do Thebano celebrada,
Do Trace a doce voz enternecida,
Que os muros fabricou da patria amada,
Fez a pena mayor, menos ſentida.
Se fora a taes applauſos elevada,
Qualquer dellas ſe achàra confundida,
E com pena Anphiam, Orphèo com ira,
Emmudecèra a voz, quebràra a Lyra.

4

Nem a penna de Homero com q̃ a fama
Voa, do Grego aſſombro, cuja hiſtoria,
De inveja ao Macedonio abraza a chama,
Julgando ſepultada a ſua gloria:
As acçoẽs com que o mundo vos acclama,
Poderà eternizallas na memoria,
Sò neſſe azul papel deve eſcrevellas,
O Sol com caracteres das eſtrellas.

5

Tanto, que ſe Timantes exiſtira,
E quizera deyxarnos retratada
A Mageſtade tal, que em vòs ſe admira,
Pelo ambito do mundo ſublimada:
Quando muyto (ſe acaſo o conſeguira)
Retratàra ſómente a voſſa eſpada,
E com ella moſtràra ufano, & ledo,
O meſmo aſſombro do pintado dedo.

6

Porèm primeyro, oh Ceſar Luſitano,
De cujo nome a gloria lhe deſtino,
Ser pequeno theatro eſſe Oceano,
Ser breve eſtampa o Globo criſtalino.
Do Aſſyrio, do Grego, & do Thebano
Aſſombro excelſo, paſmo peregrino,
Comvoſco fallarey, ſe attenção deres,
Deſte pouco volume aos caracteres.

7

Cõvoſco (oh Pedro invicto, & ſem ſegũdo)
A quem nos giros, que circunda o vento,
Do clarim bellicoſo, o ſom jucundo,
Do guerreyro tambor, o vago acento
Eterno acclama jà por todo o mundo
No celeſte criſtal do firmamento,
Perpetuando a tanta fidalguia,
Berços do Sol, & tumulos do dia.

8

Eſſa felice pois,& Regia frente,
Circule ſempre a deſdenhoſa rama,
E os triunfos do Occaſo, & do Oriente
Dem aſſumpto immortal à voſſa fama.
Atè dè Calambuco a pira ardente
Aromas vos tribute em cada chama,
Porque aſſim voſſo nome poſſa ouvillo
O Euphrates,o Ganges,o Indo,o Nilo.

9

Como voſſo aceytay eſte Poema,
(Bem q̃ holocauſto indigno a gloria tãta)
Porque inda que ao voar a queda tema,
Cahindo a voſſos pès,mais ſe levanta.
Bem ſey (Senhor) que eſtimação ſuprema
A Muſa não merece, que hoje canta,
Mas poderà ſupprir neſte transſumpto,
Ao bayxo eſtylo,o ſoberano aſſumpto.

10

E vòs amadas Muſas de que amante
Eſſe, que adulaõ Rey ſonoras aves,
Vos participa ao plectro reſonante,
Mètodo doce de influencias graves:
Dayme tambem o metro relevante
Daquelle, (que com numeros ſuaves
Canora ſuſpenſaõ dos alvedrios)
Aballa os montes, quando enfrea os Rios.

11

E ſe com voſſa ajuda a vòz ſe afina,
Alentarà ſeu canto a vèa ufana,
Eſcrevendo eſta feſta peregrina
Com metrica armonia, & ſoberana.
Permitti, que da pura Cabalina
Libar poſſa o licor, que de ſi emana,
Porque deſta maneyra a vèa pobre
Para correr melhor, alentos cobre.

12

Aqui fez ponto a penna; & perturbados,
Sem diſcurſo, os diſcurſos confundidos,
Sem conceyto, os conceytos deſatados,
Sem ſentido, turbados os ſentidos.
Convòco a Muſa, em lagrimas banhados
Meus olhos, receando ver perdidos
Os creditos, que quiz a patria darme,
Por merecellos não, ſim por honrarme.

13

Neſta perplexidade, o penſamento
Vacilante as idèas confundia,
Ao duro banco atado o ſofrimento,
Pelos ares vagando a fantaſia.
Segunda vez com grave ſentimento
Implorey a dulciſſima Thalia,
E algum tanto n'hum extaſi elevado,
Da vara de Morfeò me vi tocado.

14

Cançadas as potencias deſta lida,
Hum breve eſpaço de entregallas trato,
Aquelle que com goſto encurta a vida,
E he da morte cruel, vivo retrato.
A Muſa de me ouvir conpadecida,
(Sem q̃ hum ponto faltaſſe ao ſeu retrato)
Do ſacro monte no Pegaſſo deſce,
E amoroſa entre ſonhos me apparece.

15

As tranſparentes luzes do Emiſpherio
Ficàraõ ſó de vella com deſdouro,
Dando nas tranças de ouro vituperio,
De Midas ao riquiſſimo Theſouro.
Eſſe diaphano, & rutilante imperio
Temeo ver uſurpado o Paſtor louro,
Quando das eſpalhadas tranças bellas
Outro Sol poſto vio, nas ondas dellas.

16

Depoſito gentil da Primavera
O bello roſto as flores deſafia,
Em ſeus olhos a luz, que reverbera,
Opàca a luz deyxou do claro dia.
Proporcionada linha o nariz era,
Que a florida campanha dividia,
A boca era de nacar concha bella,
Em que as mais finas perolas congella.

17

Taõ bella, & taõ ayroſa parecia,
Que nos ſeus movimentos ſingulares,
Eſſe ar, com que nos ares ſe movia,
Sem ar algum deyxava aos meſmos ares.
Para mais me alentar, na maõ trazia,
(Que aos jaſmins, & aſſucenas dà peſares)
Feyto de ambroſia, & nectar peregrino,
Do Parnaſo hum ſorvete cryſtalino.

18

Vinha o tal de ouro fino em rico valo,
E depois que o calor me refrigèra,
Subindo-me ligeyro no Pegaſſo,
Com ella fuy rompendo a vaga eſphera.
Poz-nos ambos, de hum voo, no Parnaſo,
Que fragante jardim da Primavera,
Labyrinto de flores nos retrata,
Mentidas ſerpes de eſcumoſa prata.

19

Hia vagando o bruto o monte altivo,
Nevado Ciſne de fogoſo alento,
Portatil Ethna, eſcolho ſenſitivo,
Que Hipogrifo com azas, rompe o vento.
Garça com plumas pelo voo activo,
Que nas clinas tremôla o movimento,
E ao Boreas excedendo ſua furia,
Ao meſmo penſamento dava injuria.

20

Quando máquina excelſa ſe offerece
A' viſta là no cume relevante,
A que marmorea baſe eſtabelece,
Deſte Olympo de jaſpe puro Atlante.
Em doricas columnas reſplandece,
De criſtal tanto pòrfido Gigante,
Que eſſa Egypcia memoria que hoje dura,
A Epheſia deſvanece arquitectura.

21

A' Ninfa perguntey, que Babylonia
De torres, & columnas era aquella, (nia,
Que excedédo a Tinacria,& mais a Auſo-
Fabrica ſe diviſa auguſta, & bella?
De Apollo (Pay das Muſas) he Colonia,
Me reſpondeo a Ninfa, (clara Eſtrella)
Cujo lavor no raſgo mais ſucinto,
Enveja a Menfis dá, paſmo a Corintho.

22

A huma ſelva chegamos donde a Mula
Me diz: Aqui podemos apearnos,
Para que entre os aljofres de Aretuſa,
Vamos deſte calor refrigerarnos.
Hum ſalto em terra dey; q̃ quem recuſa
O favor, que huma dama pòde darnos,
(De amor inadvertido aventureyro)
Là tropeça nas rayas de groſſeyro.

23

No eſtribo lhe peguey, & com ligeyra
Bizarria do bruto ſe deſmonta,
Que exhalação dos ares na carreyra
Velòz rompendo esferas ſe remonta.
Tinha Flora num quadro liſongeyra
Copiado hum matiz detanta conta,
Que ſentando-nos nelle por fragante,
Excede as alcatifas do Levante.

24

Là deſſe boſque Idalico a eſpeſſura
Eſta, amena floreſta aventejava;
Aqui ſe ouvia a fonte, que murmura,
Alli a Filomena que cantava.
Eſta ſonoras clauſulas apura,
Aquella nos queyxumes ſe afinava,
Sendo em fim com ſaudoſa competencia,
A queyxa ſalva, o murmurar cadencia.

25

Nos tapetes de Flora com deſvello
Grande copia de Ninfas aparece,
Deſatando nas ondas do cabello
Labyrintos, que amor de rayos tece.
Applicaólhe da maõ o criſtal bello,
Por entre a qual o ouro reſplandece,
Avivando com gloria peregrina,
A neve em filagrana criſtalina.

26

Neſta Pancaya de ambarescheyroſa,
(Eſtragando o veſtido nacarado)
Entre archeyros de eſpinhas naſce a Roſa,
Purpurea Emperatriz do verde prado.
Ruby fragrante, que com gala ayroſa
A Primavera prende no toucado,
Quando do monte na cheyroſa fralda,
Se alinha em gabinetes de eſmeralda.

27

Da Aurora emfim nas lagrimas q̃ enxuga,
Eſſe hidropico rayo de bebellas,
Nectares a Ave Liba, que madruga,
A enamorar no campo as flores bellas.
Onde com melodia a doce fuga,
Deſvela, no louvor de encarecellas,
Porque às mais pelo canto leve a palma,
Ramilhete com vòz clarim com alma.

28

Tranquilla azul eſphera, a mageſtade
Das Apollineas luzes ſe diviſa;
Do ſacro coro a doce ſuavidade
Os pezares de Daphne ſolemniſa.
Apollo com luzida gravidade
Por ruas de criſtal as flores piſa,
Que Amalthèa (ſuppoſto que eraõ ſuas)
Ao paſſar lhas lançava pelas ruas.

29

Frondoſos rompe a candida moſqueta
Ao naſcer batalhoẽs de picaria,
Afinada nos cheyros a violeta
Ao mais refinado ambar deſafia:
Do rouxinol armonica trombeta
Retumba pela verde monarquia,
As flores dando à deleytoſa terra
Em campanhas de luz, ſinaes de guerra.

30

Com brandura mimoſa aura ſuſpira;
Naquelle domicilio de Amalthèa,
E nos doces aromas, que reſpira,
Forma em fragrancias a regiaõ Sabêa.
O Pactolo do prado a relva gira,
Do rico ouro inundando pela arèa
A brancos ciſnes, pela voz ſuaves,
Clauſulas doces, influencias graves.

31

Corre por outra parte a Cabalina,
(Que ſerpe de criſtal ſe faz perenne)
Regando toda a ſelva peregrina,
Primeyro q̃ a Neptuno o feudo ordene.
Alli vaga a Elicona criſtalina,
Emulação undoſa da Hypocrene,
Pondo nas flores, quando ſe deſata,
Correntes de criſtal, grilhoens de prata.

32

Neſta ſelva, ou republica de flores,
Saõ todos os aromas excedidos;
Os Orpheòs, q̃ aqui cantaõ com primores,
Saõ do volatil coro os eſcolhidos.
E entre cheyros, & metricos favores,
Muy abſortos ficàraõ meus ſentidos,
Naõ diſtinguindo em goſtos taõ ſuaves,
Se cantaõ flores, ou ſe cheyraõ aves.

33

Jà no canto das aves, que contende
Cò ſuſurro das fontes, que perverte,
Jà nas galas que a ſelva comprehende,
Jà no verdor do prado, que ſe adverte:
Jà na viſta das flores, que ſuſpende,
A variedade tanto me diverte,
Que ergaſtulla os ſentidos ſem demòra,
Extaſi grato, elevação canora.

34

O q̃ entaõ vendo a Nynfa a vozes clama,
Dizendo: Não te eleves deſſa ſorte,
Que ultrajado o valor ſempre ſe infama,
Se às delicias ſe entrega o varaõ forte.
Se queres merecer a eſquiva rama,
Que aos filhos de Minerva, & de Mavorte,
Coſtuma Apollo dar por varios climas,
Afina o plectro neſtas doces rimas.

35

Admirado fiquey de que pudeſſe,
(Reconhecendo Apollo o meu talento)
Ordenar, que eſtas feſtas deſcreveſſe
Com taõ humilde, & fraco entendimẽto.
O que quaſi impoſſivel me parece,
Sem me afinar do plectro o toſco acento,
Infundindolhe em clauſulas diſcretas,
Sonoro eſtylo, à falta de Poetas.

36

Assim lhe digo absorto: Como queres,
Fermosa Ninfa tu, que eu satisfaca
As leys de Apollo aqui sem entenderes,
Quanto a insufficiencia me embaraça?
Carece de mais finos caracteres,
Por ser comigo sempre a sorte escassa,
Pois a darme igualmente o Ceo repugna
Dotes da natureza, & da fortuna.

37

Para a fonte me leva peregrina,
Do Pegaso formada em penha dura,
E ao querer gastar da agua cristalina,
Tantalo então fiquey com mais secura,
Entendendo não era a Cabalina,
Aquella fonte por medonha, & escura,
Pois seguindo seu curso de outro modo,
A derretida prata verte em lodo.

38

Como queres que a neve derretida,
Liquida corra (diz a Muſa amada)
Se os da tua Nação eſclarecida
A tem jà nos ſeus verſos eſgotada ?
E como foy de Apollo a mais querida,
Por ſer às mais em tudo avantejada,
Eſtatuas lhe erigio neſte Orizonte,
Que ſaõ eſtas que ves junto da fonte.

39

Aqui tens a do inſigne, & portentoſo
Principe dos Poetas do Univerſo,
A quem circula Apollo do frondoſo
Ramo, para os ſeus goſtos ſẽpre adverſo.
Aquella que alli ves he do famoſo
Freyre, diſcreto, & puro em proſa, & verſo,
Tal no ſerio, & jocoſo, que ſuſpeyto,
Nenhum conceyto alcãça o ſeu cõceyto.

40

Eſta a quem ſua graça Apollo inſpira,
De Bacellar a eſtatua he venerada;
Do Lobo eſta outra he, q̃ o mũdo admira,
No doce eſtylo a fraze levantada.
De Montemor he eſta, cuja Lyra,
Creyo foy por Apollo temperada;
Aquella he do famoſo Sà & Miranda,
Que nas azas da fama em gyros anda.

41

De Manoel de Faria eſta he a famoſa
Eſtatua, que venera todo o mundo,
Taõ fecundo, & elegante em ſua proſa,
Como elegante em verſos, & fecundo.
A que eſtà junto della, em bronzes goza
Eterna vida no ambito rotundo,
Daquelle que com taõ ſubida idèa
Deu aſſombros ao mundo na Ulyſſèa.

42

Eſta he da Heroina, que flamante
Apollo em duros marmores conſerva,
Por fermoſa, & entẽdida a mais brilhante
Emulação de Venus, & Minerva.
Se Violante do Ceo foy jà Violante,
Ser o Ceo de Violante hoje ſe obſerva,
Donde logrando influxos mais divinos,
Em melhor Coro canta eternos hymnos.

43

De ambos ſexos veràs com mil primores
Aqui varias Eſtatuas, que pudèraõ
De Apollo merecer eſtes favores,
Pelos ſublimes verſos que eſcreveraõ.
Eempremio para os taes de varias flores,
As nove Irmãs grinaldas lhes tecèraõ,
Deyxando ſem criſtaes a pura fonte,
Que as flores rega do Parnaſo monte.

44

Elevado me poz eſta mudança,
E logo entre mim diſſe: Bem parece,
Que deſta cauſa naſce a confiança,
Com que tanto Poeta hoje florece.
E exhauſta a fonte delles, a eſperança
Perde hum pobre novel, que não merece
A dita de poder em tanta magoa,
Molhar ſequer a boca com tal agua.

45

Eſte pezar me tinha penſativo,
Quando a Muſa prevendo a minha pena,
Alentandome diz: Perde o motivo
Que ao juſto ſentimento te condena.
Do criſtal deſta fonte fugitivo,
Que libes algum pouco Apollo ordena
Daquelle que depois de ſaciados,
Tem deyxado os Poetas afamados.

46

Apenas iſto diz, quando benigna,
A minha amada Muſa ſoberana,
Deſmentindo os imperios de divina,
Os privilegios diſpenſou de humana.
Nas mãos da neve, a neve criſtalina
Para darme a beber recolhe ufana,
E applicando-me à bocca as mãos de leve,
Se mãos bebi, não ſey ſe bebi neve.

47

Aos pès, que agravo fazem aos mais ſuaves
Jaſmins, que oſtenta a Primavera amenos,
Me puz; & ella me diz: Bem he te gabes,
Logrando meus favores não pequenos.
Naõ porque ſaybas mais, mas porq̃ ſabes
Que como o que mais ſabe, ſabe menos,
E sò ſabe, quem ſabe, que a jactancia
He legitima filha da ignorancia.

48

Poriſſo aver de Apollo eſte Orizonte,
Te conduzi, me diz, para que poſſas
Libar, no puro argento deſta fonte,
As inſpiradas influencias noſſas.
Corre a verde floreſta deſte monte,
Em fim nelle veràs, que as nove moſſas,
Para encheres os verſos modulantes,
A montoens querem darte os conſoantes.

49

Tomey ſem repugnancia o ſeu conſelho,
E o Parnaſo corri, planta por planta,
E no criſtal de hum fugitivo eſpelho,
Afiney toſcos paſſos de garganta.
Para empreza taõ alta me aparelho,
E ſò ſinto no plectro, que diſcanta,
Naõ acertar as clauſulas melhores,
Com q̃ aos meus naturaes dè mil louvores.

50

De canſado me aſſento na floreſta
Sobre hum globo de flores peregrino,
E divertindo a propenſaõ moleſta,
Em thalamo de aromas me reclino.
Morphêo a ſua vara entaõ me empreſta,
E ao ſom de tanto aljofar criſtalino,
Com nova ſuſpenſaõ deſte ſucceſſo
No regaço, de Flora me adormeſſo.

51

Pouco tempo dormi, que atè ſonhadas
Duraõ pouco no mundo as alegrias,
E as que mais ſe imaginaõ dilatadas,
Tem ſua duraçaõ em breves dias.
Niſto conſiderando, perturbadas,
Vi de novo outra vez as fantezias,
Recordando com doce fingimento
Sonhadas illuſoẽs do penſamento.

52

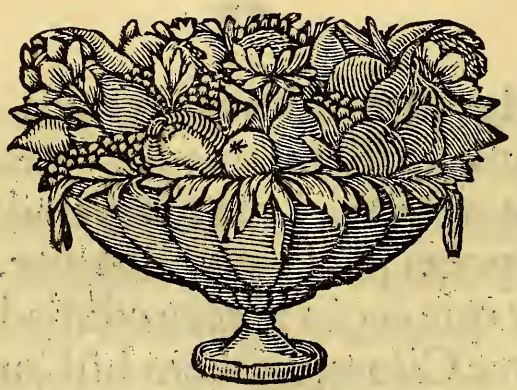
Que conſtancia no goſto permanece,
Se como ſombra em tudo ſe retrata?
Se qual fumo no ar deſaparece?
Se como eſcuma debil ſe deſata?
Se flor na duraçaõ ſe reconhece?
Quem pòde em ti fiar fortuna ingrata,
Quando a tua firmeza exiſte toda
Nos volatiles giros de huma roda?

53

Mas pode tanto a idêa imaginada
Deſteſonhado bem, que foy baſtante,
Para que a minha Lyra temperada,
Eſta empreza proſiga modulante.
Bem ſey que acção parece confiada,
Que entre Ciſnes, tambem hũ Corvo cãte,
Com ſeus eccos cauſãdo aſſombros graves
A' melodia das ſonoras aves.

54

Eſte ſonho (Senhor) imaginado,
Em que de Apollo fuy favorecido,
Em voz ſe vè melhor ſignificado,
Em tudo mais que Apollo eſclarecido.
Se de voſſos influxos illuſtrado
Meu pobre engenho for, cõ mais ſubido
Eſtylo ſeguirey (ſem dormir tanto)
A ſegundo o terceyro, & quarto canto.



CAN-

CANTO II.

1

DE quáto a tocha Delphica alumia, (na,
Na mais fertil porçaõ da terra huma-
Donde faz meta a Zona ardente, & fria,
Tem ſeu aſſento a Europa ſoberana:
A quem Thetis de prata o feudo envia,
Que no Arturo, & Occidente a faz uſana,
E em diverſ as provincias a reparte
O mar mediterraneo na Auſtral parte.

2

Eſta he do mũdo a parte, a quem da fama
Publica por melhor a tuba de ouro,
E ſendo do Univerſo illuſtre dama,
Sentio de Elena o miſero deſdouro.
Que eſſe, que jà foy ouro, ciſne, & chãma,
Cego de amor roubou, mudado em touro;
Que tambem de amoroſa poteſtade
Se não pòde eximir qualquer Deidade.

3

Aqui pois jáz a terra Luſitana,
Que deſta bella dama peregrina,
Por primeyra, por nobre, & ſoberana,
Ser fermoſa cabeça ſe imagina.
E bem poſſo affirmar que quem ufana,
De abayxar a cerviz jà mais ſe digna,
Com razam, Luſitania, he bem mereça
Da belliſſima Europa ſer cabeça.

4

Seus naturaes prudentes, & famoſos,
Se aos Licurgos, & Senecas dam zelos,
Deyxaõ tambem abſortos & envejoſos
Aos Cipioẽs, aos Curſios, & aos Metelos:
Quanto prudentes mais, mais valeroſos,
Que a prudencia ao valor não da diſvelos,
Antes, ſe bem ſe obſerva, he mais valente,
Aquelle que ſe tem por mais prudente.

5

Não ſómente á braveza Caſtelhana
Tem ſervido de freyo duro & forte;
Como tam bem à furia Mahometana,
Com tanto valor ſempre, como ſorte;
Epela Fèe, que amamos ſoberana,
Deſprezando o temor da meſma morte,
Por incognitos Climas temos viſto,
Arvorar os pendoens de Jeſu Chriſto.

6

Logra pois Luſitania na grandeza
A Cidade mais rara, & peregrina,
Das que de luz abunda a tocha aceza,
E de perolas Thetis criſtalina:
Paleſtra de Mavorte na braveza,
Eſcola de Minerva na doutrina,
Motivando à memoria hum vil eſtrago
Das leys de Athenas, & armas de Carthago.

7

Deu Luſitania em letras ſingulares
Heroes, que a fama exalta cada dia,
Eſcritores famoſos a milhares,
Juriſtas & Oradores à porfia;
Entre os quaes pódem ter regios lugares
Britto, Macedo, Pegas, & Faria,
Dom Franciſco Manoel, Barros, Vieyra,
O ſempre invicto Conde de Eyriceyra.

8

Què direy dos Heroes eſclarecidos,
Da fama pelo mundo decantados,
Se em ſerem ſó ſeus nomes repetidos,
Carecem de volumes dilatados?
E ſe por ſeu valor ſaõ conhecidos,
E por ſuas Vitorias celebrados,
Em laminas de bronze eſtas memorias
Perpetuas eternizem ſuas glorias.

9

A quem não cauſa aſſombro o valor forte
Dos Luſos venerado em toda a parte?
Que ſoldado da mais iniqua ſorte
Não deu paſmos na guerra ao feroz Marte?
Não fallo nos Heroes de mayor porte,
Que a louvallos me falta engenho, & arte,
E a qualquer pelo muyto, que merece,
Grinaldas de ouro Apollo lhe offerece.

10

Publique eſta verdade o veneravel
Joſuè Portuguez famoſo Payo,
O ſanto,& valeroſo Condeſtavel,
Gloria do Luſo, do Heſpanhol deſmayo:
O noſſo Cid, naquella memoravel
Batalha,em q̃ de Marte hum vivo enſayo,
Contra o Cid Caſtelhano,com deſprezo,
Foy delle a ſeu peſar o ſeu Rey prezo.

11

Decepadas tem Daphne ſuas ramas
Em laurear aos noſſos tantas vezes,
Digamno donde Febo aviva as chamas,
Os Noronhas, Pachecos, & Menezes:
Attaides, Almeydas, Souſas, Gamas,
Albuquerques,com outros Portuguezes,
Que imitando o valor do illuſtre Caſtro,
Eſtatuas mereciaõ de alabaſtro.

12

Do Africano as vitorias celebradas,
Do Macedonio as glorias applaudidas,
Do Romano as fortunas decantadas,
As batalhas do Grego esclarecidas,
Sendo com as dos Luzos comparadas,
Serão no Lethe escuro submergidas,
Porque com caracteres do Pactolo,
A fama as lavra, as eterniza Apollo.

13

Porisso ao pensamento já não trago
Aquella sanguinosa, & viva guerra,
Que entre Roma invencivel, & Carthago,
Terror a Marte deu, pasmos à terra:
Nem de Cannas o lastimoso estrago,
Em que de aneis (se a conta se não erra)
Tres alqueyres se enchèraõ, dos q̃ a sorte
Achàraõ mais cruel, na iniqua morte.

14

Porque quanto ſe vio na antiga idade,
E ainda o que ſe tèm por fabuloſo,
Julgando-ſe impoſſivel da verdade,
Verdade o fez o Luzo valeroſo,
Impoſſiveis vencendo, a eternidade
Seu nome poſteriza generoſo,
E de Grande o cognome ſò pertẽce,
Ao q̃ impoſſiveis grãdes buſca, & vence.

15

Neſta pois nobiliſſima Cidade,
Emporio do Univerſo ſem ſegundo,
Reſide a ſoberana Mageſtade,
Do Monarcha mayor de todo o mundo.
Grande pela ſuprema poteſtade,
Com que o venera o ambito rotundo,
E Grande por lograr ſem intervallos,
Tal Reyno, tal valor, & taes vaſſallos.

16

Tal Reyno, por ſer eſte o preelegido
Na promeſſa de Afonſo Rey primeyro;
Tal valor por herdado, ſe adquirido
Pelo eſforço de hũ Rey Joven guerreyro.
Taes vaſſallos em fim, por haver ſido
Qualquer delles hum Marte verdadeyro,
Seus nomes aſſombrando, ſò de ouvillos,
Aos Numas, aos Põpeyos, & aos Camillos.

17

Hum deſtes entre todos mais famoſo
Heròe, q̃ a fama louva em qualquer parte,
A quem por entendido, & valeroſo,
Ventagens reconhece Apollo, & Marte,
O noſſo inclyto Pedro he generoſo,
Com quem Eſpanha, & Portugal reparte,
O ſangue, que por Regio, & ſoberano,
Forma de fidalguia hum Oceano.

18

Deſcendente digniſſimo, & glorioſo,
(Para timbre mayor da patria honrada)
Do Conde de Gijon tronco famoſo,
Deſta illuſtre familia autorizada.
Unindo-ſe no vinculo de eſpoſo,
Com Afonſo Iſabel, conſorte amada,
Sendo de Portugal Infanta bella,
E o Conde digno Infante de Caſtella.

19

Deſte tronco Real, illuſtre rama
De Villa-verde o excelſo Conde naſce,
Cujo nome glorioſo lēva a fama,
Donde a Fenix do Ceo morre, & renaſce.
E do firme laurel, que jà foy dama,
Bem que por ſer taõ firme ſe mudace,
Apollo conhecendo que merece,
O ſeu proprio diadema lhe offerece.

20

De Arronches o Marquez varaõ preclaro,
Do Sceptro Luzo digno deſcendente,
Se Annibal Portuguez no valor raro,
Catholico Catàm em ſer prudente,
He netto o Conde mais que Phebo claro,
Porque em todas as veas igualmente,
Hum ſangue corra, & pouco à ſorte deve,
Que tenha tal avò, quem tal pay teve.

21

Da conſorte feliz, que em fermoſura,
E rara diſcrição deyxa vencida,
A que Oroſcopos teve em Thetis pura,
E a que foy da cabeça produzida.
Hum filho o Códe tem, no qual ſe apura
O divino pincel, & mais que a vida,
Deſeja eſte menino de alabaſtro,
A terra para flor, o Ceo para aſtro.

22

A eſte infante naſcido, digno infante,
Da voſſa caſa herdeyro, & deſcendente,
O famoſo Araujo como amante,
Eſte obſequio tributa reverente,
Excedendo ſeu animo Gigante,
Ao que por dar, a Dama dar não ſente,
Competindo igualmente neſta empreza,
Amagninamidade com a grandeza.

23

Com razaõ pois a fama ſe dilata
Em publicar ſeus meritos benigna,
Nas acçoẽs do valor com que o retrata,
Na prudencia, & nobreza peregrina.
Não ſe moſtrou com elle a ſorte ingrata,
Pois ſer para mais gloria ſe imagina,
Sobre nobre, prudente,& valeroſo,
Affavel, entendido, & generoſo.

24

O robuſto Eſpanhol, o Franco ingrato
Lhe não pòdem negar, q̃ na Campanha,
Se ouve jà contra Roma hum Viriatto,
Ouve outro agora cótra Frãça, & Eſpanha.
Moſtrando-ſe no bèllico apparato,
Lhe preſtàra Lacheſis a gadanha,
E com mais ſorte que elle na peleja,
A fortuna venceo, triunfou da inveja.

25

Por ſua direcçaõ ſe achou diſpoſto
O plauſivel, & celebre feſtejo,
Que deyxando completo a todo goſto,
Sò ficou diminuto o ſeu deſejo.
E para reſarcir eſte diſgoſto,
Quizera diſpender ſem nenhum pejo
Os theſouros de Creſſo ſingulares,
Com que a feſta excedeſſe às ſeculares.

26

Iſto he quanto ao deſejo agigantado
De hum coraçaõ heroico produzido;
Porèm quanto ao feſtejo celebrado,
Não ſey que outro ſe faça mais luzido.
Excepto o que no Olympo ſublimado
Tem o Tonante Jove prevenido
Ao meſmo aſsũpto emfim, porq̃ ſe veja(ja.
Que a hũ tẽpo meſmo a terra,& o Ceo feſte-

27

Occupado ſe achava o penſamento
Nos primeyros progreſſos deſta hiſtoria,
Afinando do plectro o toſco acento,
Apurando as ideás da memoria,
Quando vagando os paramos do vento,
Huma nuvem gentil da Etherea gloria
Vi (que abrotando luzes ſem deſmayos)
Opacos deyxa os Apollinos rayos.

28

De reſplandor abunda criſtalino,
Do meu pobre apoſento a breve esfera,
E em pelago de luzes taõ divino,
Hum Ceo a humilde choça ſe venera.
Hum Joven ſahe da nuvem peregrino,
A quem hora veſtio da primavera,
Pois deyxando os flamigeros ardores,
Matizadas as galas traz de flores.

29

Quem ès oh Paranimpho ſoberano,
(Lhe digo abſorto deſta novidade)
Que quando te venero por humano,
Entaõ te reconheço por Deidade?
O Deos Cyleno ſou (reſponde ufano)
Que logro a ſoberana dignidade
De Embayxador ſupremo do Tonante,
Que em mõte cõverteo ao velho Atlante.

30

Vendo Jove, que a terra em feſta ardia
No feliz naſcimento deſte Infante,
A's mais Deidades convocar me envia,
Para o ſupremo alcaçar de diamante:
Com jubilos querendo de alegria
Solemnizar no Olympo relevante,
Com as Deidades do ſacro firmamento,
Deſte ſupremo Infante o naſcimento.

31

E como o ſabio Apollo lhe contaſſe,
Que eſcrevendo da terra a feſta grave,
Ao Parnaſo Thalia te levaſſe,
Para influirte hum methodo ſuave:
Ordenoume, que logo te buſcaſſe,
E te pediſſe, ſe he que pedir ſabe,
O que pòde mandar, pois ſe concede,
Melhor, q̃ a quẽ bẽ mãda, a quem bẽ pede.

32

Que ao móte Olympo ſubas Jove ordena,
E ſendo teſtemunha là de viſta,
Serás com doce voz, & ſutil penna
Dos jubilos celeſtes Coroniſta.
Se o temor da ſubida te condena,
Neſta nuvem, que a etherea luz cóquiſta,
Subiràs mais ſeguro ao ſacro monte,
Que no carro do Sol deſceo Faetonte.

33

Impoſſivel ſerà que te obedeça,
Lhe diſſe, quando vès, q̃ entre maõs tenho
A obra, que inda agora ſe começa,
Para poder meterme em novo empenho.
Não faltarà Mercurio quem mereça
Eſte favor com mais ſubido engenho,
Que o meu canſado ſe acha neſte paſſo
Da primeyra jornada do Parnaſſo.

34

Eſſa frivola eſcuſa não te izenta
De obedecer a Jove ſempiterno,
Que ſubindo-te ao ſacro monte intenta
Fazer (Mercurio diz) teu nome eterno.
Qualquer Varaõ, bẽ ſabes, não ſe aumenta
Nos regalos do ſeu ninho paterno,
E ſò quem corre o múdo, acha a bonança,
Que na patria ningem a ſorte alcança.

35

De luz rompendo o vaſto Promontorio
Iremos neſta nuvem de candores,
Ver os Deoſes do ſacro conſiſtorio,
Veſtidos de Apollineos reſplandores.
Remontate ao divino, & ſacro Emporio,
Não engeytes do Ceo eſtes favores,
Antes ſem repugnar logo os aceyta,
Que favores do Ceo ninguem regeyta.

36

Apenas iſto diz, da maõ me toma,
E ſubindo-me á nuvem como hũ vento,
Pela campanha diafana ſe aſſoma,
Com rapido, & furioſo movimento.
As aves na carreyra o curſo doma,
Excedendo no voô ao penſamento,
Num abrir, & fechar de maõ ſòmente,
Nos puzemos no Olympo omnipotente.

37

Se do Parnaſo monte me admiraya
A ſumma perfeyção, que nelle havia,
A grandeza do Olympo que obſervava,
Do diſcurſo as idèas confundia.
Tudo era admiração quanto notava,
Tudo era paſmo quanto alli ſe via,
E em tanta admiração, em paſmo tanto,
A admiração foy paſmo, o paſmo encanto;

38

No cume do alto monte bem formado
De diafana materia criſtalina,
Se elevava o Palacio ſublimado,
Habitação de Jupiter divina.
E quando no Zenith mais abrazado,
A luz reverberando peregrina,
Moſtrava ſendo hum ſol neſtes enſayos,
Varios ſoes, nos reflexos dos ſeus rayos.

39

Aſſim como o criſtal reſplandecente
Do vivifico rayo rutilante,
O reſplendor retrata tranſparente,
Se ferido ſe vè da luz flamante:
Taes as paredes ſaõ do Olympo ardente,
Em cujos capiteis Febo brilhante,
Retratando ſeus nitidos ardores,
A luz ſe multiplica em reſplendores.

40

A fabrica ſuprema que admirava,
Do celeſte edificio criſtalino
Em doricas columnas ſe elevava,
Mais finas, que de Pario o marmol fino.
Cujo valor, & traça aventejava
Ao prodigio de Egypto peregrino,
Não podendo o lavor ſer mais idoneo,
A ſer Fidias o meſtre, o Tiſifoneo.

41

E ſe na duração ao tempo humilha
No valor, & grandeza, que contemplo,
De Diana aſſombrando a maravilha,
Excedido do Sabio deyxa o templo.
Os reflexos das luzes com que brilha
As Delicas podião dar exemplo,
E creyo ſe lá fora o louco indigno,
Não obrarà em Efeſio o deſatino.

42

Aproximeyme ao portico divino,
Que de Jaſpe ſeis Faunos ſe moſtravaõ,
Atlantes de alabaſtro criſtalino,
Pelo peſo, que aos hombros ſuſtentavaõ.
Sobre elles diviſey de criſtal fino,
Seis ſerèas, que a obra rematavaõ,
E dellas ſe formava a architectura
Do portico com grande fermoſura.

43

Vendo Mercurio a confuſaõ que ſinto,
E que acertar a entrada deſconfio
Daquelle ſoberano labyrinto,
Qual Teſèo me vali da maõ por fio.
Perde o temor, q̃ tens grande, ou ſucinto,
(Me diz) porque quem teme; não tem brio,
E o varam do que vir, que cauſa eſpanto,
Naõ ſe deve admirar, nem temer tanto.

44

Advertindo a razaõ, ſem repugnancia,
Seu conſelho tomey, que dos mais velhos
He muy craſſa, & certiſſima ignorancia,
Naõ ſaber abraçar os bons conſelhos.
Com elle a eſcada ſubo, & com jactancia,
Poſſo affirmar pizava por eſpelhos,
Mudando com temor os lentos paſſos,
Receando fazellos em pedaſſos.

45

Antes que à ſala chegue peregrina
De Jupiter, paſſey por muytas dellas,
Que as paredes de prata criſtallina
Taõ luzentes faziaõ, como bellas.
Eraõ de Tiria tella, & da mais fina,
As cortinas das portas, & janellas,
Formando-ſe de fios tranſparentes
Do candido metal franjoens luzentes.

46

Na quarta ſala entrey, toda adornada,
De luzes, que aſſombrava a luz do dia,
E de taes reſplandores illuſtrada,
Mais quarto Ceo, que ſala parecia.
Hum throno ſe elevava, em que adorada
A Deidade de Jupiter ſe via,
O qual cuydo eſgotou (por ter mais me-
(dras)
DaAurora o pranto, do Oriente as pedras.

47

As paredes da ſala, & o pavimento
Adornava o Senhor da quarta eſphera,
No ſolio diſpendia o puro argento,
Eſſa a que Endemiaõ tanto venera.
De brocado azul era o paramento,
Com franjoẽs do metal q̃ o mundo altera,
E no ſolio, & paredes ſe retrata
Ofir no ouro, o potoſſi na prata,

48

Neſte alcaçar, & throno peregrino,
Herebo aprifionava as luzes bellas,
E as pedras engaſtadas no ouro fino,
Ficava o dia eſcuro à viſta dellas.
Naõ podendo oſtentarſe criſtalino,
O dominio nocturno das eſtrellas,
Jàmais a noyte aqui ſe conhecia,
Pois todo o ſeu imperio uſurpa o dia.

49

Para os Deoſes no throno de diamante,
Riquiſſimos acentos ſe formáraõ,
E todos igualando ao do Tonante,
Com grave mageſtade os occupàraõ.
A Jove ſe ſeguia o Deos flammante,
Marte, & Vulcano juntos ſe ſentàraõ,
Cauſando a admiração novos aſſumptos,
Poderem dous zeloſos eſtar juntos.

50

Em ſeu aſſento funebre, & nocturno,
Que a côr da eſcura ſombra repreſenta,
Se ſentou o malevolo Saturno,
Que influindo ſò males ſe contenta.
O Deos Baco ſeguindo o meſmo turno,
(Sabe Deos de que ſorte alli ſe aſſenta;)
Que o vicio a que foy ſempre affeyçoado,
Raras vezes o deyxa eſtar ſentado.

51

Em cuſtoſos aſſentos da outra parte
Se põem as Deoſas do alto firmamento,
Aquella que a prizaõ cauſou de Marte,
E a que fez a Acteam de Caens ſuſtento.
A Deoſa dos pavoẽs, & a que com arte
Atalhou de Meduſa o louco intento,
E num eſtrado de alcatifas bellas
Cantando eſtaõ as nove Irmãs donzellas.

52 Mais

52

Mais ſonoras, que as mais canoras aves,
Suſpendiaõ ſeus cantos as potencias,
Ajudandolhe Apollo as vozes graves
Com divinas, & metricas cadencias.
Em lugar das paſtilhas mais ſuaves,
Ardiam no perfume em competencias,
De Calambuco as excellentes gomas,
De Pancaya os ſuaviſſimos aromas.

53

Diſpoſta a Corte eſtava deſta ſorte
De Jove ſoberano, quando nella
Feyto Mercurio meu divino norte,
O fuy entaõ ſeguindo como eſtrella.
Ao entrar cortejey a ſacra Corte,
E entre as mais vendo a minha Muſa b.
Me alentey, porque todo o mal recrea,
Ver algum conhecido em patria alhea.

54

Que tome aſſento Jupiter ordena,
Depondo a Mageſtade ſoberana,
Que nas honras não fica mais pequena,
Antes ſe exalta mais, ſe mais ſe humana.
Mas eu buſcando a Muſa que me acena,
Sentando-me a ſeus pès, a deyxo ufana,
Que teremno por louco aos mais provoca,
O que toma o lugar que lhe não toca,

55

Mercurio te diria o que me move
A conduzirte ao ſoberano monte,
Me diz (com roſto ledo) o ſacro Jove,
(O que Bacco eſcutou rugando a fronte)
Se por favor de Apollo, & as Muſas nove,
Goſtaſte do criſtal da pura fonte,
A meu rogo outro methodo te inſpira,
Com que poſſas tocar de novo a lyra.

56

As clauſulas apura, porque ſeja
Mais plauſivel o modo no teu canto,
Com que o felice horoſcopo feſteja,
Deſte Infante ſupremo o Olympo ſanto.
E para que o Ceo ſayba, o mundo veja,
Que he tãto o meu empenho, &goſto tãto,
Cò as mais Deidades quero em cõpetécias,
Inſpirarlhe benignas influencias.

57

Iſto dizendo, logo o Deos Tonante
Huma graça benevola lhe inſpira,
Apollo o entendimento relevante,
Marte para as campanhas feròz ira:
A gentileza, Venus para amante,
Sò Bacco do conclave ſe retira,
Moſtrando como neſta, nas mais vezes,
A ogeriza, que tem aos Portuguezes.

58

Saturno melancolico, & pezado,
(Sem uſar da maligna qualidade)
Por não faltar a Jupiter ſagrado,
Ao Infante prediſſe a ſua idade.
Os mais Numes do Olympo ſublimado,
Humanando a ſuprema Mageſtade,
Com auſpicio feliz, por varios modos,
Seus attributos lhe inſpiràraõ todos.

59

Paſſada eſta função de luzes bellas,
Em vez de luminarias excellentes,
Mais que nunca brilhantes as eſtrellas,
Se oſtentàraõ no Ceo reſplandecentes.
Apollo (ſem uſar de mais cautellas)
Do Zodiaco os Signos tranſparentes
Tocou, porque eſta feſta notifique
Aos Orbes logo com geral repique.

60

Neſta noyte, que o dia mais ufano
De luz aventejava, ordenou logo
Ao coxo adulterado Deos Vulcano,
Por ſua direcçaõ correſſe o fogo:
Na forja em q̃ forjou de Marte o engano,
(Sem ter neceſſidade de mais rogo)
Tanto fogo forjou, & com tal arte,
Que outro enredo temeo Venus, & Marte.

61

Açafra de Sicilia endurecida,
(Adonde disfarçando a qualidade,
Trabalhou por ferreyro toda a vida)
De fogo nunca vio tal quantidade.
Com os eccos a eſfera confundida,
Ardendo o Olympo em tanta claridade,
A ſemelhança dos incendios toma, (ma.
Que o Grego fez em Troya, Nero em Ro-

62

Tanto era o fogo alli, tanta a fumaça,
Que ſem ſer hiperbolica a quimera,
Entendi que buſcàra Apollo traça
De mudar para o Olympo a quarta eſfera.
Com as chamas a viſta ſe embaraça,
O coraçaõ cò eſtrepito ſe altera,
Abortando em flamigeros enſayos,
Relampagos, trovoẽs, Cometas, rayos.

63

Aqui vi propriamente figurada
A batalha dos Titanos renhida,
Quando vibrando rayos por eſpada,
Sua tençaõ punio Jove atrevida.
A polvora nas canas calculada,
No ar em varios gyros dividida,
De Liparis a forja aſſemelhava,
Em que os rayos Eſterope forjava.

64

Nas invençoẽs do fogo, eſtas, & aquellas,
Parece ſe eſgotava a humana traça,
E que ſó ſer pudera inventor dellas,
O que a Marte nas redes embaraça,
As rodas, os montantes, as panellas,
Eſgrimindo, & rodando com mais graça
(Como o de Creta em termo mais ſucinto)
De chamas ſe formava hum labyrinto.

65

Dèſſa Olympica praça em cada canto
Huma torre de fogo ſe elevava,
Da ideâ admiração, da viſta encanto,
Que a de Nembroth ſem duvida igualava:
Eſtas ao Ceo ſubião com eſpanto,
Quando aquella as esferas eſcalava,
Mas todas padecèrão mortaes minguas
Nas multiplicaçoens de tantas linguas.

66

De chamas hũ Tifeo, qual outro Atlante,
Ameaçava dos Orbes o deſtroſſo,
Sendo em ſua grandeza ſemelhante
De Rodes ao grandiſſimo Coloſſo.
Mas quando vi, que ardia eſte Gigante,
A Polifemo comparallo poſſo,
Pois amoroſamente ſe recrea,
Quando ſe abraza mais por Galatea.

67

Sobre hum monte da praça no Orizonte
Fèro o Gigante eſtava, ſe arrogante,
Qual no abrazado carro outro Faetonte,
No monte ſe abrazava eſte Gigante.
Por Mongibello tive aquelle monte,
A não ſer o Veſuvio por flamante,
Pois ſuffocado em fumo, ardendo em ira,
Aſſombros lança, exhalaçoens reſpira.

68

Deſte monte flamigero naſciam
Pela fralda ſeis arvores copadas,
Que entendo pelo muyto que creſciam,
Do eſcuro Flagetonte eraõ regadas.
Chamas em vez de frutas produziaõ,
Que deſteHercules igneo eraõ guardadas,
A' imitação daquelle, que abſolutos
Fez livre do Dragaõ, aos aureos frutos.

69

Depois do fogo, o dia precedente,
Apollo a tourear ſahio flamante,
Servindolhe o Tonante de Tenente,
E de ſeu Capitaõ Marte arrogante.
De palanque as Deidades eminente
Os touros viraõ, & em lugar brilhante
As Ninfas do alto Olympo nas janellas,
Taõ bellas, & gentis como as eſtrellas.

70

Ao ſom de militares inſtrumentos,
Que ao belligero Marte acompanhárao,
Se eſcutavaõ ſuaviſſimos acentos,
Que no goſto os ſentidos elevavaõ.
Com graves, & cortezes cumprimentos,
O circular contorno cortejàraõ;
Porque melhor ſe oſtenta a gravidade,
Se acompanhada vay da urbanidade.

71

Sobre Ipíroes montado Apollo vinha,
Hum dos quatro cavallos da carroſſa,
Os tres à deſtra vem como convinha,
Sem que o vento igualar a nenhum poſſa.
A gala que veſtido Apollo tinha,
Das eſtrellas as luzes deſapoſſa,
E jàmais em meus dias ver intento
Cavalleyro de tanto luzimento.

72

A provocar ao touro partio logo,
Porque a ſorte fazerlhe pertendia,
E poſto que incitado foy com fogo,
A nada diſto o bruto ſe movia.
Tanto as chamas deſpreza, como o rogo,
Por mais que Apollo ao corro o deſafia,
Naõ temendo o rigor do ferro indigno,
Como quem dẽtro eſtava de algum ſigno.

73

O animal das eſferas truculento,
Ardendo em chamas, abrazado em ira,
As pontas eſgrimindo contra o vento,
A ſeu ſigno bramindo ſe retira.
Em cada rayo hum garrochaõ violento
(Por fazerlhe huma ſorte) Apollo tira,
Sem q̃ o ſigno o defenda, & mais o abraſa;
Que em todos entra como em propria caſa.

74

Mas como Jove (quando enamorado)
Tinha algum bem do Touro recebido,
Fez q̃ Apollo o deyxaſſe; q̃ hum honrado
Nunca deyxa de ſer agradecido.
Senão he que obrou iſto por lembrado,
De que podèra haverlhe ſuccedido,
Com Apollo por erro eſte deſdouro,
Quando ladraõ ſe fez, mentido touro.

75

Da florida eſtação de Abril, & Mayo
Trinta dias durou a taurea feſta,
Sem que oprimir pudeſſe o ardente rayo,
Do cornifero bruto a dura teſta.
Mas das ſortes ſentindo algum deſmayo,
Por Jupiter pedillo o não moleſta;
Antes ſe quiz paſſar ſem mais quimeras,
A illuſtrar outro Signo das eſferas.

76

Dos dous Irmaõs, que foraõ convertidos
No Ceo por Jove em luminarias bellas,
Entrou pelos alcaçares luzidos,
A fazellos dar luzes ſintinellas.
Em que Oroſcopos tendo repetidos,
Deſte fraterno laço das eſtrellas,
Para a meta do Polo em que ſe abraſa,
Pela ecliptica vay de caſa em caſa.

77

Logo Jove por mais ſolemnidade
Os Olympicos jogos celebrados
Mandou formar com tanta mageſtade,
Que aventejàraõ todos os paſſados.
Se aquelles admirava a antiguidade,
Eſtes deyxàraõ aos Orbes admirados,
E que foraõ direy (ſem muytos rogos)
Eſſes jogos enſayo deſtes jogos.

78

Se por extenſo repetir eſcuſo
Deſtes jogos a verdadeyra hiſtoria,
He por naõ ſer moleſto em ſer defuſo,
Que às vezes na extẽçaõ ſe perde a gloria.
Qualquer que queyra ver o que recuſo
Eſcrever com verdade mais notoria,
A fórma deſtes jogos nos Autores
Verá, tendo eſtes ſempre por melhores.

79

Oyto gyros na ecliptica dourada,
De Delos fez o Principe famoſo,
E a Deoſa por tres roſtros celebrada,
Illuſtrou com ſeu rayo luminoſo.
Em quanto neſſa Olympica morada
Dos Deoſes com applauſo generoſo
Foraõ os Gladiatores aſſiſtidos,
Jà ſendo vencedores, já vencidos.

80

Depois dos jogos, là na ethcrea ſala,
Ao ſom de ſoberanos inſtrumentos,
Hum ſaràо ſe formou com tanta gala,
Que ſuſpenſos deyxava aos penſamentos.
O ſegundo ſentido ſe regala
Nos doces, & ſuaviſſimos acentos,
Tudo era emfim com grave preſuppoſto,
Paſmo da viſta, elevação do goſto.

81

Em parallelo igual, Galan com Dama,
Cada qùal para a dança ſe convida,
Juno a Jove acompanha, a quem inda ama,
Das ſuas traveſſuras eſquecida.
Bem deſejava Apollo a dura rama
Vella outra vez em Daphne convertida,
Sendo que mal ſervira para a dança
Quem nunca fazer ſoube hùa mudança.

82

Mas por ſe eſquecer della, a campo tira
A Calliope bella o Deos flammante,
Que de hũ deſprezo às vezes vence a ira,
Naquelle que ſe julga mais amante.
Vulcano como coxo ſe retira,
E a Marte o ſeu lugar deyxa ignorante,
Eſquecido dos zelos, que padece,
Se he, que quem ama, tal aggravo eſquece.

83

Entrou pois no ſaràò o Deos da guerra,
Acompanhando a Deoſa dos amores,
Mas ſe dos coraçoens a paz deſterra,
Quem poderà cauſar guerras mayores?
Não ſahe muyto goſtoſa, porque encerra
A lembrança no peyto, dos rigores
De Marte, na occaſião, que de picada,
Fez a Roſa de branca nacarada.

84

Igual na caſtidade com a belleza
Sahe ao bayle a caſtiſſima Diana,
Sem melindres de honeſta, que à pureza
Hum juſto paſſatempo não profana.
Endemiam a acompanha neſta empreza,
Como em todas, por mais q̃ o deſengana;
Porèm que hade fazer hum pobre amãte,
Que os creditos apura de conſtante?

85

As mais Deidades do alto firmamento,
Imitando, as que tenho retratado,
Com galas de notavel luzimento,
Principio ao ſaràо deram ſublimado.
Ouviaſe do Coro o doce acento,
Por ſuaviſſimas vozes concertado,
Que ſeguindo de Apollo a doce lyra,
Se ſuſpende Amphiam, Orpheo ſe admira.

86

As ayroſas mudanças, que faziaõ,
Os aromas divinos, que exhalavão,
As riquiſſimas galas, que veſtião,
As ſuaviſſimas vozes, que cantavão,
Tanto o goſto as potencias ſuſpendiaõ,
Como a gloria os ſentidos elevavão,
E em ſuſpenſaõ de goſtos tão notoria
Tudo era goſto alli, tudo era gloria.

87

Como de todo foſſe celebrada
Do ſacro Olympo a feſta mais luzida,
Para a melhor merenda a ſublimada
Corte celeſte Jupiter convida:
Ganimedes a copa preparada
Tinha jà como a meſa prevenida,
Excedendo na copa, & rica meza
Do prodigo Eliogabalo a grandeza.

88

Para os vaſos da meſa em tudo rara,
Na prodigalidade Ofir ſe apura,
Pois erão todos do metal, que avara
Aos mais dignos negou ſempre a ventura.
Se a candidez das roupas ſe compára,
A neve, a neve excede na brancura,
Sendo com velas, negro deſalinho,
O candido Nebli, o branco Arminho.

89

Poſtos os Numes, pois, na Etherea meza,
Cheyos os pratos vem de Ambroſia rica,
Que qual outro maná, por mais grandeza,
Do paladar o goſto reduplica:
Cujo manjar excede na riqueza,
E no doce ſabor a que ſe applica,
O que miſto com lagrimas da Aurora,
De Egypto fez a celebre ſenhora.

90

Hum copo na mão toma o ſoberano
Jove, cheyo de nectar peregrino,
E por moſtrar de amante o deſengano,
A' ſaude brindou deſte Menino.
Com goſto a razaõ fez qualquer ufano
Numen, quebrando o copo criſtalino;
Só Bacco ſe calou ſem dar repoſta,
Porque do puro nectar jámais goſta.

91

Acabada a merenda, & enriquecidos
De Jupiter com premios ſublimados,
Foraõ do Olympo os Deoſes divididos,
Para os ſeus domicilios conſagrados,
Dos regalos da meſa confundidos,
Da grandeza das feſtas admirados,
Muyto tempo ſó niſto vaõ tratando,
O coſtume do ſeculo imitando.

92

Deſpedidos em fim, Jove rizonho
Me diz: Pois tens ſabido o meu empenho,
As clauſulas apura, em que ſupponho
Achar para o meu goſto o deſempenho.
Como elle me mandaſſe, me diſponho
As feſtas referir, que viſto tenho,
Que foraõ da maneyra que as repito
Sem mais tirar nem pôr, como eſtà eſcrito.

93

E como era já tempo de partirme,
Para dar complemento ao começado,
De Jupiter quiz logo deſpedirme,
Tratando-me atè aqui com doce agrado.
Manda outra vez Mercurio a conduzirme
Neſſe vapor da terra levantado,
Que reduzido a nuvem ſem deſmayos,
Relampagos aborta, expelle rayos.

94

Do Sol vagando o diafano Orizonte,
Deſci dos Ceos à terra brevemente,
Com mais dita porèm do que Phaetonte,
Porque ſempre quem deſce, a queda ſente.
Antes cuyde qualquer, que ſe remonte
No precipicio de Icaro imprudente,
E em quantos ſe teraõ arrependido,
Se cahidos ſe vèm, de haver ſubido.

95

Eſte exemplo, que dou, tomar podèra,
Para que deſta empreza deſiſtira,
Porèm por vòs, ſenhor, inda fizèra,
Muyto mais, ſe a fortuna o permittira.
A concha de Neptuno desfizèra
Apagàra de Phebo a ardente pira,
E qual Orphèo ao reyno do tormento
Deſcèra, com mais juſto fundamento.

96

Como a ſorte impoſſiveis não concede,
He juſto que, ao que poſſo, me acomode,
Pois no pouco que faz, ao muyto excede,
O que chega a fazer tudo o que pòde.
E ſe a voſſa grandeza o affecto mede,
O coração intrepido ſacode
Todo o Icario temor, & ſem deſmayos,
Clice amante ſerey, de voſſos rayos.

97

Fundada a minha gloria na eſperança
De ſer eſta que ſigo empreza voſſa,
Nas azas voarà da confiança,
A quanto illuſtra a diafana carroſſa.
E jà que tanta dita a Muſa alcança,
Permitti, gram Senhor, deſcançar poſſa
Da jornada que fiz ao Olympo, em tanto
Que proſigo o terceyro, & o quarto Cãto.

CAN-

CANTO III.

I

AMada Muſa minha, novo alento
A'rouca vòz, ao toſco acento inſpira,
Porque jà vacilante o entendimento
Contra as pobres idèas ſe conſpira.
As cordas do meu ruſtico inſtrumento
Muy diſſonantes vão da ſacra lyra,
Oh ſe Apollo as puzera conſonantes,
Que bem formàra os metricos deſcantes!

2

E como jà me ſinto deſcançado
Das jornadas que fiz com tanto exceſſo,
Sendo de teus influxos inſpirado,
Pintarey deſtas feſtas o progreſſo;
Poſto que o entendimento limitado
Quadro para tal copia reconheço,
Aos pinceis ſuprirá (por ignorantes)
Aquella antiga induſtria de Thimantes.

3

Qual volante Delphim, Aguia nadante,
Que compellida de refêgas ſummas,
Sendo ao ſeu modo, para o curſo errante,
As velas azas, as bandeyras plumas.
Do porto do univerſo mais poſſante
Parte rompendo pàramos de eſcumas,
E conſeguindo o fim do ſeu deſterro
O panno amayna, lança o curvo ferro.

4

Chega á famoſa Corte Americana,
Que o Braſilico Emporio repreſenta;
Pois ſendo na grandeza a mais ufana,
No commercio ſe faz mais opulenta,
E para ſer em tudo ſoberana,
A balança de Aſtrèa a maõ ſuſtenta
Do inclyto Vice Rey, Marquez de Angeja,
Gloria de Portugal, da fama inveja.

5

A Fragata no Porto ſoſſegada
Das borraſcas do golfo criſtalino,
Foy em Palacio a nova divulgada
Do feliz naſcimento do Menino.
A nào Argos de Colcos celebrada,
Por merecer levar o vellocino,
Não ficou mais ufana, nem mais rica,
Que eſta em trazer a nova, que publîca.

6

Com jubilos feſtivos recebida
Foy do illuſtre Marquez, por ver ſegura
A ſucceſſaõ da Caſa eſclarecida,
Em que Europa ſeus creditos apura:
Com toda reverencia a Deos devida,
Por favor lhe agradece eſta ventura;
Que o Catholico nome ſò merece,
Quem a Deos os favores agradece.

7

Em numero ſem numero a Nobreza
Concorre ao parabem deſte Menino,
A plèbe por humilde não deſpreza,
Com todos oſtentando-ſe benigno.
Pelas demonſtraçoẽs cada qual preza
Moſtrar-ſe neſte obſequio peregrino;
Que do Principe os goſtos temos viſto
Applaude o povo, ſò quãdo he bem quiſto.

8

Logo o Meſtre de Campo deſvelado,
De hum natural affecto commovido,
O feſtejo ordenou mais celebrado,
De quantos viſto tem Phebo luzido:
Deyxando aſſim ſeu nome eternizado,
Como ao Marquez illuſtre agradecido;
Que inda q̃ tudo hum Principe merece,
Qualquer obſequio licito agradece.

9

Tinha os celeſtes Signos viſitado
Apollo mil & ſetecentas vezes,
E com mais dezaſeis, pois completado
O anno eſtava jà nos doze mezes:
Quando nos dezaſete havia entrado,
Dando a ecliptica em gyro dez revezes,
Depois que o ſummo Autor da Natureza
A mayor oſtentou de amor fineza.

10

Sendo por esta conta o feliz dia
Daquelle na virtude insigne Atlante,
Que foy na Lusitana Monarchia
Gloria de Portugal, Sol de Amarante.
Tempo em q̃ Capricornio em fogo ardia,
Chamuscandolhe o pelo o sol flamante
Pois dispensando as luzes sem desmayos,
Ostenta mais vivificos os rayos.

11

Com mysterio este dia celebrado,
Que a Gonçalo daõ gloria seus portentos,
Foy o mastro na praça levantado
Ao som de bellicosos instrumentos:
E posto no lugar mais sublimado,
Tremolava a bandeyra pelos ventos,
Divisando-se aquellas Armas nella,
Que ao Vi Rey Portugal deu, & Castella.

12

Tanto na côr ao Iris parecia,
O maſtro, que entendeo quem alli aſtava,
Que das nuvens à praça entaõ decia,
Ou que da praça ás nuvens ſe elevava;
Pois tambem pelo muyto que ſubia,
Se entendeo que as eſpheras eſcalava,
E que ſe Promothèo nelle eſtivera,
Muyto mayor cuidado a Apollo dèra.

13

Logo que no criſtal de Thetis pura
O rutilante Phebo ſe banhava,
Occupãdo da noyte a ſombra eſcura,
Tudo quanto a luz Delfica illuſtrava:
Varios Orfèos de armonica doçura
Em palacio cantando ſe obſervava,
Deyxàraõ nos ſuaviſſimo acentos
Abſortos com o goſto os penſamentos.

14 Depois

14

Depois diſto, de Admèto o paſtor louro
Dez vezes illuſtrou a azul esfera,
Cauſando ſua luz mortal deſdouro
Ao florido penſil da Primavera;
Porque cá no Braſil ſeus rayos de ouro
Com vigor mais intenſo reverbèra,
Formando no terreſte ſenhorio
A terceyra Eſtação do ſeco Eſtio.

15

Tinha pois vinte dias jà paſſado
O mez por donde o anno ſe começa,
Sendo aquelle em q̃ o Santo treſpaſſado,
Foy do bico do pè atè a cabeça.
E o ſol de Capricornio ſeparado,
Se intentava auſentar com toda a preça;
Porque jà Aquario a caſa lhe varria,
Eſperando por elle no outro dia.

16

Neſte que vinte foraõ de Janeyro,
Poſto o Sol, ſe puzeraõ nas janellas
Da praça em toda o circular terreyro,
Luminarias clariſſimas, & bellas.
Que có as preſtadas luzes do luzeyro
Mayor, naõ ſaõ taõ claras as eſtrellas;
Em fim tanta era a luz que parecia,
Se náo tinha o Sol poſto aquelle dia.

17

Neſta noyte ſahio reſplandecente
A encamiſada em tudo relevante;
Pois cada Cavalleyro por luzente,
Andando parecia eſtrella errante.
Nas galas reverbèra a luz ardente,
De ſorte que qualquer, por mais flamante,
Aquelle aventejou, que em ſeus enſayos
Deſpenha as luzes, precipita os rayos.

18

Dos Clarins o ſom bèllico terrivel,
O rumor dos tambores eſpantavel,
No ſilencio da noyte mais plauſivel
O eſtrepito fazia formidavel.
Viſtoſamente, quanto foy poſſivel,
Eſte aſſombro deMarte entrou admiravel,
Pela praça em que eſtava o vi Rey digno
De ter de Apollo o Sceptro criſtalino.

19

Do preceyto do freyo compellidos,
Dos bellicos rumores alterados,
Furioſos ſendo jà, jà reprimidos,
Entrão na praça os brutos animados.
Vinhaõ da maõ domeſtica regidos,
Tam bem nas continencias enſinados,
Que obſervey, cõ deſtino, ou ſem deſtino,
Nada póde obrar bem, ſem ter enſino.

20

Da praça ao ſom do eſtrondo bellicoſo
Sahiraõ com notavel deſafogo,
E todo eſſe apparato luminoſo,
Inutil ſe julgou aos donos logo;
Porque das maõs, cada animal furioſo,
Em faiſcas expelle tanto fogo,
Que Aſtros, & eſtrellas tresladando nellas,
Aſtros pizava, atropellava eſtrellas.

21

Tres Comedias ſe ſeguem ſucceſſivas,
Hum dia de pormeyo interpollando,
Que aquellas, a quem dava a fama vivas,
As vay o eſcuro Lethe ſepultando.
Fizeraõ-ſe com taes prerogativas,
Que temo muyto exagerallas, quando
Sempre a verdade em menos ſe reputa,
Se impoſſivel parece o que ſe eſcuta.

22

Mas como neſta hiſtoria a fè me obriga
De honrado, & de Eſcritor para prezalla,
O que importa ſòmente he, que eu a ſiga,
Inda que chegue algum a duvidalla.
Quiçá, que quem a ignora, a contradiga;
Porq̃ quem menos obra, he quẽ mais falla;
E ſayba o que o contrario diſto entende,
Que quem por ſi me julga, não me offẽde.

23

A hum lado pois da praça ricamente
Se elevava huma fabrica arrogante,
Que o Palacio de Côo tranſparente
Duvido que lhe faça ſemelhante.
Cobriam graves ſedas toda a frente,
Guarnecidas de candido volante,
Que em relevados cultos nos retrata
Entre a mentida neve, a fina prata.

24

Com rico invento, & grave geometria
Se obſervou do Theatro a compoſtura,
E não podèra ter mais bizarria,
Se de Archimedes fora a architectura.
De alcatifas o ſolio ſe cobria,
Donde o Perſico engenho mais ſe apura,
Que em matizadas flores ſe venèra
Hum mentido pincel da Primavera.

25

Raſgadas tres janellas ſuſtentava
Huma rica cornija fabuloſa,
Que abertas, huma ſala ſe moſtrava,
Por bem paramentada, muy fermoſa.
Por ſima outra cornija rematava
A fabrica, deyxando-a tão viſtoſa,
Que equìvoca a verdade, parecia,
Mais do que ſe ſuppunha, o que ſe via.

26

O palacio magnifico offerece
A's principaes Senhoras da Bahia,
O ſupremo vi Rey, porque tiveſſe
A feminil nobreza eſſa alegria.
Ao bayxo aſſento do alto ſolio deſce,
Obſervando na règia cortezia,
Que a nobreza mayor nunca ſe eſtranha,
Quando da urbanidade ſe acompanha.

27

Muytas tochas ardiaõ no tablado,
Bem que eſcuſadas foraõ todas ellas,
Por ſer de ardentes rayos illuſtrado
De tantos Soes, que eſtavaõ nas janellas.
E qualquer julgaria de admirado,
Vendo opacas às luzes das eſtrellas,
Que ou não anoytecèra aquelle dia,
Ou que então pela noyte amanhecia.

28

No chaõ outros aſſentos competentes,
Por não ſerem baſtantes as janellas,
Cubertos de alcatifas excellentes,
Occupàraõ rariſſimas eſtrellas,
Diſpenſando em reflexos tranſparentes
Pelo terreſte ſitio as luzes bellas,
Preſumio quem as vio poſtas por terra,
Que do ſeu fim, o mundo as contas erra.

29

Pois dos homẽs, q̃ entaõ na praça entràraõ,
Ao numero ariſmetico excedèraõ,
Porq̃ alèm dos da terra outros ſe achàraõ,
Que de partes remotas concorrèraõ.
Os que mais entendèraõ, que ſe admiràraõ
Outros mais ſe admiràraõ, q̃ entendèraõ,
E em caſos ſemelhantes(ſem mentira)
Cada qual como entende, aſſim ſe admira.

30

Admiração foy juſta, porque a fama,
Que o veloz privilegio ao Boreas toma,
Nos eccos da grandeza, que derrama,
De apocrifa claudica no que ſoma;
Pois muyto mais ſe vio do q̃ ella acclama,
E dèra que admirar á meſma Roma
A grandeza ſòmente do theatro,
Ao celebre, & antigo anfiteatro.

31

Depois que terminou Phebo a carreyra,
No dia vinte hum repreſentàraõ
O Conde Locanor, de tal maneyra,
Que os melhores diſcurſos ſe admiràraõ.
Bem pudèra a Comedia ſer primeyra,
A não ter mais as duas, que a igualàraõ;
Pois entre as tres (com grave bizarria)
Se não ſoube qual teve a primazia.

32

Aos vinte & tres na noyte de Janeyro
Se moſtràraõ de amor, & odio os affectos
Daquelle Calderon, que liſongeyro
Eſgotou toda a fonte dos diſcretos.
E ſuppoſto q̃ o Author ſeja o primeyro,
Como o moſtraõ ſeus verſos por ſelectos,
Muyto mais parecèraõ ſublimados,
Porque foraõ tam bem repreſentados.

33

Aos vinte & cinco a Scena de (Rendirſe
A la obligacion) foy de tal maneyra,
Que pudèra chegar a preſumirſe,
Em numero ſòmente ſer terceyra.
E bem nella tambem deve advertirſe,
Que a obrigaçaõ confeſſa verdadeyra
O famoſo Ferraõ Caſtello-branco,
Quando a dedica generoſo, & franco.

34

Do Marquez invictiſſimo obrigado
A's honras, que tem delle recebido,
Rendido à obrigação ſe tem moſtrado,
Quanto mais obrigado mais rendido.
E ſe de obrigaçaõ qualquer honrado
Deve os meritos ter de agradecido,
O que mais os favores agradece,
De honrado mais os creditos merece.

35

De agradecido em fim, como de amante,
Dedica eſta Comedia reverente,
Ao naſcimento do applaudido Infante,
Do tronco mais feliz, fruto excellente,
Ao affecto igualando relevante,
As obras do ſeu animo valente,
Dando a entender no obſequio q̃ offerece,
Que o amor ſò nas obras ſe conhece.

36

Em todas as Comedias ſe lançáraõ
Loas, que alguns Poetas compuzerão,
Taes, que ſe nos aſſumptos admiràraõ,
Nos conceytos ſubidos ſuſpendèrão:
Bé ſeus engenhos na occaſiaõ moſtràraõ,
Moſtrando na occaſião quanto ſouberaõ,
Que não de aſſucar ſó, mas de Poeſia,
Ha muy ricos Engenhos na Bahia.

37

As figuras das Loas, que ſahião,
As letras, que entre meyo ſe cantavão,
Enigmaticamente ſe entendião,
Amphibolicamente ſe explicavão.
Nos ſutìs dos conceytos exprimião,
O que nas apparencias publicavão,
Deſcobrindo as figuras, & os conceytos
Do noſſo Heroe ſublime altivos feytos.

38

A dous Còros a muſica cantava
Nas occaſioẽs, com plectro tam ſonoro,
Que bem trocar Apollo deſejava,
Por hum daquelles Còros, o ſeu Coro.
E o filho vendo então ſe aventejava
A ſeu plectro, outro plectro mais canoro,
A ſua mãy Caliope ſe queyxa
De que Apollo ſeu pay vencido o deyxa.

39

Dos inſtrumentos pois o doce acento,
Das vozes a ſonora melodîa,
Que em modulantes clauſulas o vento
Retumba pela etherea Monarchia.
Canora elevação do penſamento,
Metrica ſuſpenſaõ da fanteſia,
Privavaõ nas armonicas cadencias,
Dos ſentidos o uſo, & das potencias.

40

Tres bayles, ſerios huns, outros jocòſos,
Ouve em cada Comedia repartidos,
Dando goſto aos diſcretos, & famoſos,
E de que rir aos menos entendidos.
Deyxando a variedade mais goſtoſos
Dos que eſtavão preſentes, os ſentidos,
Que o noſſo natural a tudo expoſto,
Na variedade encontra o mayor goſto.

41

Tambem ouve Entremezes bem galãtes,
De jocòſos aſſumptos differentes,
Que provocando a rizo os circunſtantes,
Se obſervàraõ conceytos excellentes,
Permittindo-ſe em caſos ſemelhantes,
Para deyxar os animos contentes,
Porque empalaga ao goſto os mais ſubidos
Manjares, ſendo ſempre repetidos.

42

O Ferraõ na Comedia, muy luzidas
Mandou ſair tres danças extremadas,
De raros inſtrumentos conduzidas,
Para o fim cada huma das jornadas,
As figuras no traje bem veſtidas,
E tam bem nas mudanças enſayadas,
Que preſumio, quem vio taõ ricas danças,
O tempo fora o meſtre das mudanças.

43

As Comedias, que louvá a antiguidade,
Claudicou jà de eterna ſua gloria,
Eſtas poſterizando a eternidade,
Nos immortaes archivos da memoria;
Nenhumas tem com ellas paridade,
Porque alcançarà de todas a vitoria,
E à ſua viſta os creditos de ufanas
Tem perdido as famoſas Caſtelhanas.

44

Com tal primor a lingua deſmentião
As figuras, que alli repreſentavaõ,
Que aos meſmos Caſtelhanos excediaõ
No idioma Heſpanhol, em que fallavão
Os que não duvidavão, quando os viaõ,
Ser aquelles, que vião, duvidavão;
Que das linguas, & trajes a mudança,
A's vezes equivoca a ſemelhança.

45

De riquiſſimas galas adornadas
As figuras ſahiraõ bem veſtidas,
E o ouro de que vaõ paſſamanadas
Deyxava as proprias luzes excedidas.
Tudo alli foraõ tèlas repaſſadas,
A que fazia o ouro taõ luzidas,
Que lhes dava, entẽdi, com mil primores
Rayos o Sol, a Primavèra as cores.

46

Taõ ao proprio as mulheres ſe veſtiaõ,
E tão ſingularmente ſe toucavão,
Que verdadeyramente pareciaõ,
O que taó falſamente aſſemelhavaõ;
De tal maneyra o ſexo deſmentião,
Os roſtros de tal ſorte disfarçavão,
Que deſta vez ſe vio que com deſtreza
Soube a induſtria vencer a natureza.

47

A'viſta das Comedias admirados,
Tenhão-ſe os Caſtelhanos por corridos,
Vendo-ſe no idioma avantejados,
E em todos os mais actos preferidos:
Agora entenderàõ deſenganados,
Se atè aqui blaſonavaõ preſumidos,
Que contra elles o Luſo em qualquer arte
Se ſabe Apollo ſer, ſabe ſer Marte.

48

Neſta fórma, & com eſte luzimento
As Comedias fizeraõ de que canto;
Bem que temo da lyra o rouco acento,
(Qual Marcias) mais q̃ goſto cauſe eſpanto.
Sò pudèra eſſe muſico portento,
Que as penas ſuſpendeo de Rodamanto,
Deſcrever o que abſorto a Muſa admira,
Com doce voz, com modulante lyra.

49

Por iſſo, ò tu dulciſſima Senhora,
Inſpira no meu plectro docemente
Do Trace a ſoberana vòz canora,
E do Thebano o methodo excellente:
Para que deſde os pàramos da Aurora,
Atè donde ſe apaga a tocha ardente,
Sem reſervar os mais remotos climas
Rompa as esfèras o ecco deſtas rimas.

50

E ſe ao plectro me infundes novo alento,
Não ſó farey chegar bella Thalia,
Pelo eſferico globo, o doce acento
Aos roſados crepuſculos do dia.
Nem donde o funeral do luzimento
Phebèo, lhe prepàra Thetis fria,
Mas ſim farey chegar meu doce canto
A ſuſpender do eſcuro Reyno o pranto.

51

Pararà à minha voz o Flagetonte
Do ſeu igneo raudal o curſſo eſcuro,
O groſſo remo deyxarà Acheronte,
E Siſifo o penedo feyo, & duro:
Tantalo a agua da ſulfurea fonte,
Exion da roda o gyro mal ſeguro,
Rodamanto os queyxumes repetidos,
Megera a inveja, o cerbero os latidos.

52 Final-

52

Finalmente Plutam enfurecido,
Das furias infernaes acompanhado,
Dos rigores de Buytre reveſtido,
E da fuga de Euridice lembrado,
Entre vorazes chamas conſumido,
(Vendo o Tartareo Reyno ſoſſegado
Da canora armonia do meu plectro)
Arrojará da mão o negro ſceptro.

53

Tudo, fermoſa Ninfa, eu alcançàra,
Se empenhada Caliope quizera
A teu rogo fazer, que me inſpirára
Novo plectro o Senhor da quarta eſfèra.
A ſi da ingrata Daphne ſe deyxára,
E todo ſeu amor nella puzera,
Para que ſoſſegada, & ſem deſvelos,
Do firme tronco não tiveſſe zelos.

54

Pois tanto te importuno, Muſa amada,
Concede o que te peço enternecida,
Movete de meus rogos obrigada,
Se taõ fermoſa es, como entendida.
Bem ſabes tu, que a Dama importunada
Raras vezes deyxou de ſer vencida,
E mais ſendo fermoſa; que a vaidade
Vence os rigores de qualquer Deidade.

55

Mas já q̃ em vão me canço no que aſpiro,
Outro influxo melhor, & mais ſeguro,
Fazendo o penſamento novo gyro,
Senhor invicto, a voſſos pès procuro.
Pela lyra daquelle não ſuſpiro,
Que a mulher foy tirar do centro eſcuro,
Porque em voſſa magnifica aſſiſtencia
Eſpero a mais benevola influencia.

56

Eſtas forão, Senhor, as mais peritas
Comedias, pela fama decantadas,
Que tivèraõ de mal, ſer mal eſcritas,
Tendo tanto de bem repreſentadas.
Porèm ſe minhas faltas infinitas,
Saõ de voſſa grandeza deſculpadas,
Não me hão de embaraçar os Zoilos táto,
Que deyxe de ſeguir ao quarto Canto.

CANTO IV.

1

TEndo-te tãtas vezes perſeguido (mada!
Não ſey como te invoque, oh Muſa a-
Quando aquelle axioma he taõ ſabido,
De q̃ quem pede muyto, muyto enfada;
Porèm fora offenderte, ſe atrevido
Eſta falta em ti foſſe imaginada,
Porq̃ em fazer merces (qual mar) ſe nota,
Que hũ magnanimo peyto não ſe eſgota.

2

Se te devo atè aqui favores tantos,
(Que eternos trarey ſempre na memoria)
Deyxa q̃ a gloria cante ao fim dos Cantos,
Pois ſabes que no fim ſe canta a gloria.
Não te devem meus rogos dar eſpantos,
Se queres dar aſſumpto a nova hiſtoria,
Porq̃ he certo faz mais, quem pouco pede,
Que quem com fráca mão muyto cócede.

3

Adverte porque o teu favor conſiga
(Sem que couſa pareça temeraria)
Se eu te rogo, que o credito te obriga
A ſereſme propicia, & não contraria.
Porque não ſerà bem de ti ſe diga,
Que por ſeres mulher, es tambem vària,
Pois ſempre ſe tirou por conſequencia,
Não haver em mulheres perſiſtencia.

4

De ouvirme enternecida a Muſa amada,
Reconhecendo em mim pouco talento,
Para acabar empreza começada,
Sem deſacreditar o entendimento.
A Caliope pede, que empenhada
De Apollo alcance ao plectro novo acẽto;
E como iſto Thalia lhe pediſſe
Com Apollo fallando, aſſim lhe diſſe.

5

Se eſquecido de Daphne rigoroſa,
Que tanta pena a ter amor motiva,
(Pòde ſer, que julgando-a mais fermoſa,
Por moſtrarſe a teus rogos mais eſquiva.)
Te peço por amante, & por zeloſa,
Inſpires neſte Vate a voz activa
Daquelle amado filho, a quẽ mais quero,
Quando por filho teu o conſidero.

6

Eſta empreza tomou por ſua conta
Deſcrevendo eſtas feſtas da Bahia,
A pezar deſſa, que he da Fama afronta,
Baſiliſco cruel, traydora Harpîa;
Que para todo o mal ſẽpre eſtà prompta,
E do bem quanto pòde ſe deſvia;
Não perdoando ſeu mortal veneno
A Rey, a Papa, a grande, nem pequeno.

7

O que tudo me pedes te concedo,
(Apollo diz) ſem repugnancia logo;
Dando a entẽder na preſſa, & roſtro ledo,
Quanto conſegue de huma Dama o rogo.
Proſiga a obra o Vate, ſem ter medo
Deſte diſſimulado activo fogo,
Cuja voraz, & rigoroſa chama
Devôra as honras, & conſome a fama.

8

Porque como eſte vicio deteſtado,
Da invejoſa Magèra he produzido,
Nem ſe livra hum Apollo ſublimado
Da calumnia de hum ſatiro atrevido:
O invejoſo murmura do invejado,
Suppondo-ſe nas honras preferido,
E mais que a falta alheya, a propria apura,
Que ſò de quem ſe inveja ſe murmura.

9

Porèm ſe niſto a Muſa conſidèra,
E que a empreza q̃ ſigo, he, Senhor, voſſa,
Subido o penſamento a tal eſfèra,
Não temo que offenderme nada poſſa,
Nem dos infames filhos de Migèra,
Se os effeytos meu animo alvoroça,
Suppondo que não ha quem livre ſeja
Da rigoroſa, & carcomida inveja.

10

Do famoſo Araujo convocados
Os Cavalleyros foraõ mais luzidos,
E ſendo os eſcolhidos os buſcados,
Buſcados ſaõ ſòmente os eſcolhidos:
Por ſerem neſte obſequio celebrados
Saõ de longinquas partes conduzidos,
Que de mayor fineza ſe acredita,
A que o mayor empenho facilita.

11

Doze foraõ no numero ſómente
Pela razão acima declarada,
E tambem porque a praça não conſente
Outra trópa mayor por limitada.
Ou com myſterio o numero excellente
Dos doze fez a conta celebrada,
Pois hoje ſaõ, ſe na razaõ me fundo,
As mais famoſas couſas, que ha no mũdo.

12

Forão doze os Apoſtolos divinos,
O anno ſe compõem de doze mezes,
Do Zodiaco doze ſaõ os Signos,
Doze Pares ſe contaõ dos Francezes:
De Iſrael doze os tribus peregrinos,
E de Inglaterra os doze Portuguezes,
Que a fama lhe erigio (por mayor gloria)
Eſtatuas là no templo da Memoria.

13

Tam primoroſamente os doze andàraõ
Neſta Cavallaria, em que corrèrão,
Que ao numero em bondade aventejàrão,
Pois os poucos aos muytos excedèraõ,
E ſe os poucos por bons ſempre baſtàraõ,
Os muytos pouca falta alli fizerão,
Que do numero a conta pouco monta,
Na bondade conſiſte toda a conta.

14

Vencer muytos a muytos, he factivel,
Vencer muytos a poucos, não he nada,
Vencer com poucos muytos, impoſſivel;
Acção em qualquer ſeculo invejada.
Por iſſo fica a gloria mais plauſivel,
E nos noſſos Heroes aventejada,
Pois obràraõ ſò doze aventureyros,
Como ſe forão muytos Cavalleyros.

15

Seis parelhas fizeraõ differentes,
Tres de amarello ſaõ, tres de encarnado,
Seguindo aos Capitães, q̃ vão nas frentes,
A quem toca das alas o cuidado.
Illuſtra o Sol as galas excellentes,
Tremolla o vento as plumas ſoſſegado,
Que cuidão ſerviràõ com graças ſummas
Para as azas da fama aquellas plumas.

16

De galhardos jaezes adornados
Hião todos os brutos prevenidos,
Aos quaes fazia o ouro dos bordados,
Sobre muyto viſtoſos, muy luzidos:
Com clinas differentes, vaõ trançados,
Que os matizes das cores divididos,
Qual Primavera então, de varias fitas
Hia formando roſas infinitas.

17

Cinco vezes as portas do Oriente
Apollo abrindo no zafir diſcorre,
Para aſſiſtir com ſua luz ardente
A' tròpa grave, que na praça corre;
E outras tantas nas aguas do Occidente,
Para Feniz naſcer, Narcizo morre,
Preparandolhe Thetis, nunca ingrata,
Mauſoleo de criſtal, tumba de prata.

18

Ao ſom dos inſtrumentos bellicoſos,
Adornados de plumas, & de galas,
Os doze a praça rompem tão furioſos,
Que a Marte aſſombro dão, terror a Pallas:
Hum labyrinto formão cuidadoſos
Os dèſtros Capitaés das duas allas,
E para ſahir delle com mais brio
Seguem da eſcaramuça o inteyro fio.

19

Antes que entraſſem nella, emparelhados
Fazem as continencias advertidos,
Indo nellas tam bem induſtriados,
Que applauſos merecèrão repetidos;
Occupando depois da praça os lados,
Em dous troç os a correm divididos,
Acreſcentando aos ſeus merecimentos
A gloria de tão graves comprimentos.

20

Bràs Rabello Falcão, & ſeu parent e
Manoel Marinho forão duas guias,
E poſto cada qual na ſua frente,
Se houvèrão com notaveis bizarrias:
Com adargas, & lanças bravamente,
Da mentiroſa guerra nas porfias,
Qualquer dos doze alli tão dèſtro andava
Que a verdadeyra guerra aventejava.

21

Tambem ouve alcanzias, com quem Mayo
Liberal oſtentou raros primores,
Ser cada qual moſtrando, em ſeu deſmayo,
Hum globo de jaſmins, mapa de flores:
O zephiro lograva em doce enſayo,
Da Primavèra os candidos favores,
Cada alcanzia parecendo cheya
A bella Cornicopia de Amalthèa.

22

Outras cheas de pò, que a viſta engana,
Pois apenas ſe vè deſaparece,
Allegorico ſer da vida humana,
Que como pò no ar ſe deſvanece.
Que he vẽto a fè tam bem nos deſengana,
Sombra o ſanto paciente a reconhece,
E para ſer melhor ſignificada, (da.
He pò, he vẽto, he ſombra, he fumo, he na-

23

Tambem vaõ cheyas outras das q̃ o vento
Leva como as palavras de huma hiſtoria,
Para termos cabal conhecimento,
Que ha ſempre penas na caduca gloria.
Por iſſo no mayor contentamento,
Dos Romanos triunfos a memoria
Avivava a lembrança repetida
Da pouca duraçaõ da humana vida.

24

Jà a ultima carreyra ſe paſſava,
Quando pela campanha criſtalina,
A deſſe dia Apollo rematava,
Correndo a noyte funebre cortina;
Sobre a qual vinte & ſete mais contava,
Que em Janeyro fizera a luz benigna,
E quando as vinte & nove cóta o mundo,
Dos cavallos o dia foy ſegundo.

25

Neſta tarde com grave bizarria
As lanças ſe puzerão raramente,
Moſtrando cada qual quanto ſabia,
Ferindo a mèta do angulo luzente:
E por ter mais que ver naquelle dia,
Se corre á lança o paſſaro innocente,
Que as reliquias da pouca gente viva
No bico o ramo traz da verde oliva.

26

Moſtràrão ſer nas lanças extremados,
Aſſim como no mais tão advertidos,
Que ficárão ſeus nomes celebrados,
E nos eccos da fama repetidos.
Correm depois parelhas, que aſſombrados
Os ventos no correr deyxão corridos,
E ſò com elles (como o vulgo acclama)
Pòde correr parelhas ſua fama.

27

Cannas correm tambem com ligeyreza,
Em que o nectar mais liquido ſe apura,
Daquellas que fez doce a natureza,
Para manancial da mais doçura.
Seguio-ſe a eſcaramuça, em que a deſtreza
Foy da arte acompanhada com a ventura,
No famoſo Marinho, que ſem medo
Da ſorte que tecèo, deſfez o enredo.

28

No penultimo dia de Janeyro
Ouve de preços ſingulares lanças,
Em que o mantenedor, & aventureyro
Nos meritos fiavão as eſperanças.
Cada qual como dèſtro Cavalleyro
Dimittia de ſi deſconfianças,
Porque neſta contenda preſumia
Que mais, que os mais, o premio merecia.

29

A praça rompe audaz, & valeroſo,
Com aſpecto de Marte Luis Correa,
Padrinho do menino primoroſo,
Que Venus ſò de vello ſe recrea.
A licença impetrou do generoſo
Marquez, que tendo a nada mais recèa,
E dando que admirar ao melhor Aſtro,
Fixou logo o cartel ao pè do maſtro.

30

Como mantenedor chama arrogante
Aos Cavalleyros com notavel brio,
E ſe ouvèra de certo Bradamante,
Não ſey ſe lhe aceytàra o deſafio.
Pois ſe o cartel chamàra ao mais galante
Para alg um gentil duello, he deſvario
Crer, q̃ Narcizo, & Adonis o aceytaſſem,
E que vencidos ambos não ficaſſem.

31

Hum palanque eminen te ſe elevava
Em palacio debayxo das janellas,
Esfera donde o Sol mais puro eſtava,
Que eſte que preſta rayos às eſtrellas.
O ſitio tres cadeyras occupava,
Que ornado eſtava de alcatifas bellas,
Donde os Juizes da funçaõ diſcretos
Aſſiſtiaõ taõ doutos, como rectos.

32

Foy dos tres o primeyro, o celebrado
Licurgo da Bahia conhecido,
Secretario famoſo deſte Eſtado,
Em tudo taõ geral, como entendido,
Pelo procedimento taõ honrado,
Como pela peſſoa eſclarecido,
E qual Decio, dirige os penſamentos
Em procurar da patria ſeus augmentos.

33

Era Antonio Ferraõ logo o ſegundo,
Bem que pòde neſta arte ſer primeyro,
Seguio-ſe Miguel Telles, que no mundo
He contado por dèſtro Cavalleyro:
Dos quaes a fama no clarim jucundo
A quanto illuſtra o Delfico luzeyro,
Suas partes publica, & as differenças,
Com q̃ aos ſabios excedem nas ſentenças.

34

O Araujo fatal liberalmente,
De magnanimo uſando mil primores,
Para premios no dia, deu preſente,
Dez còrtes de teſſum de varias cores;
Sobre bem matizado era excellente,
Porque lhe dava o ouro,& a prata as flores,
Tomando a Primavèra com deſdouro
Seus poderes então à prata, & ouro.

35

A hum lado eſtava a tenda levantada
De riquiſſimas peças guarnecida;
Que a do Perſa Dario celebrada,
A deyxàra em grandezas excedida.
Dos corporaes ſentidos ſublimada
A gloria ſe julgava repetida,
Por eſtar para todos alli expoſto,
Quanto podia deſejar o goſto.

36

Orphèos em vez de muſicos cantavão
Que os animos a gloria ſuſpendião,
As ſuaviſſimas aguas exhalavão
Os aromas, que em chamas recebião.
Erão tantos os doces, que ſobravão,
Como a ambroſia nos goſtos excediaõ,
E em tanta ſuſpenſaõ do entendimento
A glorias ſe elevava o penſamento.

37

As lanças ſe tiràraõ com tal brio,
Moſtrando-ſe qualquer na acção tão forte,
Que cuſtou muyto neſte deſafio
Poderſe declarar de alguns a ſorte.
A taes lanças pôr preço he deſvario,
Porque foraõ eſtas lanças de tal porte,
Que intentar porlhe preço fora exceſſo,
Quando por ſingulares não tem preço.

38

Neſta civil batalha contendendo,
Se foy a tarde alegre aſſim paſſando,
A gloria de hum a outro entriſtecendo,
Com o pezar daquelle, eſte alegrando.
Jà aquelle que ganhava, vay perdendo,
Aquelle que perdia, vay ganhando;
Que a ſorte quer propicia, quer contraria,
Nunca conſtante foy, ſempre foy varia.

39

Todos ſe ouvèrão primoroſamente,
Mas ao povo cauſou mais novidade,
O que hum menino obrou ſingularmẽte,
Que doze annos apenas tem de idade.
Nenhũ com mais primor, por mais ſciẽte,
Das regras obſervou a integridade,
E quem ſoube aprendellas em menino,
Hade ſer Cavalleyro peregrino.

40

Filho he de Miguel Telles o menino,
De quem herdou as partes,& a nobreſa,
E ſobre Cavalleyro peregrino,
Logra outros dotes mais da natureza.
Porque o raro pincel do Autor Divino
Neſta copia cifrou tal gentileſa,
Que ſe Venus o vira,bem ſe crera,
Do mal logrado Adonis ſe eſquecèra.

41

Depois que as lanças todas ſe puzeraõ,
Em que infinitos premios ſe ganhàraõ,
Tambem as demais couſas ſe fizeraõ,
Como nas outras tardes ſe obſervàraõ.
Na rara eſcaramuça que tecèraõ,
Quanto da arte entẽdião bem moſtràraõ,
Porque jà deſmanchando, jà tecendo,
Vaõ o meſmo, que fazem, deſtazendo.

42

De Janeyro era o dia derradeyro,
E da cavallaria o quarto dia,
Em que o meſmo ſe fez, que no terceyro,
Com ſingular, & grave bizarria.
Entre o Mantenedor, & Aventureyro
Continuou das lanças a porfia,
Apurando-ſe tanto na contenda,
Que o premio cada qual he bem pertẽda.

43

Sendo os taes como a viſta certifica,
Dos fios, que em prizaõ o bichõ apura,
E depois em teáres ſe fabrica,
Para adorno gentil da fermoſura,
De ſeda matizada couſa rica
Seis covados ganhar qualquer procura,
Que pelas varias flores ſe venèra
Mentida, & verdadeyra Primavèra.

44

Eſtes premios acima declarados,
Forão pelo Araujo offerecidos,
Que nũca elle os julgou tam bẽ ganhados,
Como agora que os vè tam bem perdidos.
Entre eſtes doze pares affamados
Pela fortuna forão repartidos,
Que eſta ſò tira, & dà por varios modos
A ſeu arbitrio ſempre os premios todos.

45

Obrando os Cavalleyros raramente,
Aſſim ſe foy paſſando o mais da tarde,
Oſtentando o contente, & deſcontente
Do ſeu capricho ſingular alarde;
Sem que neſta, & na tarde antecedente
Ouveſſe algũ, q̃ algũ dos premios guarde,
Porque offertando todos que ganhàrão,
Mais a gloria, que os premios, eſtimàraõ.

46

Jà quando a refreſcar naquelle dia,
Os quatro brutos da carroça ardente,
Nas ondas de Neptuno, ſe partia
O Delphico Planeta refulgente,
Se corrèrão com muyta bizarria
Laranjadas galante, & ayroſamente,
E depois Bràs Rabello fez com brio
A rara eſcaramuça de hum ſò fio.

47

Era o primeyro dia em que o ſegundo
Mez começava, & deſta feſta o quinto,
No qual não ſe guardou, ſe bem me fúdo,
O quinto mandamento no que pinto.
Porque no quinto dia o furibundo
Quinto Planeta, muy confuſo ſinto,
Vendo na praça por tão varias ſortes
A bruta Parca executando mortes.

48

Cruel na praça andava a Parca dura,
Naõ perdoando a vida ſeus rigores,
Daquelles animaes, que na agua pura,
A traça de Jacob lhe dava as cores.
E ſe pòde na morte haver ventura;
Por não ſentir na morte tantas dores,
Por ſingular fortuna então tivèraõ
Aquelles, que de hum golpe fenecèraõ.

49

Varias carreyras ouve, & de tal ſorte
Ligeyra a Parca andava, & enfurecida,
Que entregãdo o peſcoço o bruto à morte,
Se achava ſem cabeça, & não ſem vida.
Ouve carneyro alli, que antes do còrte,
Começando hum bramido, (dividida
Foy de hũ golpe a cabeça com tal preça)
Que o ecco deu no cham mais a cabeça.

50

Luis Correa ao tirar pelo treçado,
Fiado em que levava bem regido
O quadrupe animal, por deſcuidado,
Do corvo, & agudo fio foy ferido.
Que o bruto de hum furor arrebatado,
Do acicate picado, & compellido,
Corria tão veloz, & tão bizarro,
Que Apollo o deſejou para o ſeu carro.

51

Não foy o golpe, não, tão limitado,
Que a funçaõ permittiſſe que acabaſſe,
Antes logo a Palacio foy chamado,
Porque com mais preſteza ſe curaſſe.
Mas vẽdo a dor, que aos onze tem cauſado,
Lhe diſſe (porque a feſta não paraſſe)
O meſmo q̃ Magriço aos companheyros,
Se em chegar a occaſiaõ forem primeyros.

52

Não obſtante eſta falta, proſeguirão
Deſte dia o feſtejo começado
Os onze companheyros, que ſupriraó
Na auſencia do que fica moleſtado.
Depois que das carreyras deſiſtirão,
Ficou completamente rematado
Com o meſmo primor, & bizarria,
Como ſe havia obrado em qualquer dia.

53

Sempre em todos vierão com primores
Adiante dos nobres Cavalleyros,
Seis trombetas de pè, oyto tambores,
E de cavallo quatro timbaleyros.
Vem tambem quatro dáças das melhores
Fazendo movimentos taõ ligeyros,
Que à viſta deſtas danças, já repugna
Moſtrar ſuas mudanças a Fortuna.

54

Seis vezes tinha Apollo repouſado
No thalamo de Thetis criſtalina,
E outras tantas havia illuminado
O celeſte Emiſpherio a Deoſa trina.
Neſte mez mais que os outros limitado,
Porque em vinte & oyto dias ſe termina,
Sẽdo então o primeyro em que eſta praça
Para os touros ſe ornou com tanta graça.

55

Cercada de palanques eminentes,
Alguns mais que os telhados relevantes,
Adornados de panos excellentes,
Que os faziaõ cuſtoſos, & galantes,
Moſtrando-ſe nas cores differentes,
Das cortinas, das ſedas, dos volantes,
Que da praça era o ſitio neſte enſayo,
Hum retrato de Abril, copia de Mayo.

56

Nos varios camarotes, & janellas
Se aſſomavão tão raras fermoſuras,
Que deyxavaõ das trèmulas eſtrellas
Opacas, por então, as luzes puras,
Moſtrando-ſe as da Lua, & do Sol bellas,
A' ſua viſta pallidas, & eſcuras,
Ficando entre candores taõ luzidos,
As eſtrellas, a Lua, & o Sol corridos.

57

Mudado a eſtação tinha a natureza,
Pois ſendo neſte mez mais os ardores,
Que erão tardes de Abril, vi na preſteza,
Com que alli ſe admiravão tantas flores.
Acompanhando as galas a belleza,
Deve a gala à belleza mais favores;
Que não he verdadeyra a fermoſura,
Se apadrinhada vay da compoſtura.

58 Erão

58

Erão de cuſto as galas excellentes,
A quem fazia o ouro mais flamantes,
Para os broches, toucados, & pendentes,
Deo Golocondá liquidos diamantes.
Tambem para os peſcoços tranſparentes,
Offereceo Neptuno as mais brilhantes
Lagrimas puras da jucunda Aurora,
Que quando no Ceo ri, nas conchas chora.

59

Da fermoſura hum mapa debuxado
Recopilava aquella breve eſfèra,
Donde ſe via ao vivo decifrado,
De flores a mais linda Primavèra.
Se aquella que venceo o celebrado
Pomo, na competencia alli eſtivèra,
Teriaó que ſentir menos pezares,
Minerva, & Juno, na eleyção de Pares.

60

Querer contar de balde ſolicîto,
Da Nobreza, & da plebe o ajuntamento,
E com ſer eſte numero infinito,
Ao numero excedia o luzimento.
Porque em obſequio do ViRey invicto,
Quer cada qual que o ſeu cõtentamento,
No mayor luzimento ſe preſuma,
Da gala rica, da viſtoſa pluma.

61

Quatro danças com ricos inſtrumentos,
(Eſtribando no ayroſo as confianças)
Vem a praça ſervindo aos penſamentos,
Do mais goſtoſo enleyo, aquellas danças.
Nos ſeus bem concertados movimentos,
Moſtravão ter firmeza nas mudanças,
Imitando a fortuna incontraſtavel,
Que he ſò cõſtante ſẽpre, em ſer mudavel.

62

Ornada eſtava a praça deſta ſorte,
Quando ornado tambem de muyta graça,
Servindo de Meyrinho então da Corte,
Galan Miguel Cardozo rompe a praça,
Montado tão ayroſo como forte,
Nas continencias nada ſe embaraça,
E mais que com rigor moſtrar pertende
Que com agrado as liberdades prende.

63

Soão de Marte os horridos furores,
Nos varios inſtrumentos militares,
De timballes, trombetas, & tambores,
Que deſſa esfèra azul rompe os ares;
Detraz deſte apparato, dos melhores
Alabardeyros vem ſò doze páres,
Em duas alas tudo dividido,
Tam bem ornado, como repartido.

64

Logo Antonio Moniz, (cuja excellente
Preſença eleva a todos o ſentido)
Sahe fazendo a figura de Tenente,
Melhor poſſo dizer que a de Cupido.
Qualquer de vello fica deſcontente,
Sendo de mais galan, mais preſumido,
E para competillo era preciſo
Viver Adonis, não morrer Narciſo.

65

Quatro lacayos traz todos veſtidos
De encarnada librè, & adereçados;
De meyo corpo quatro traz deſpidos
Com ſayoẽs, & com panos bem traçados:
Erão todos daquelles, que os luzidos
Rayos de Phaeton deyxou queymados
Quando do Ceo cahindo a pyra aceza,
Tiſnou tantos borrões da natureza.

66

O Capitão da guarda ſe ſeguia,
Que para a tal funçaõ foy Luis Correa,
Veſtido com notavel bizarria
Da côr que aos melancolicos recrea.
Oyto lacayos celebres trazia,
Todos ſem differença na librèa,
Como tambem na còr, porque os ardores
Lhes dèrão de Menon as pardas côres.

67

Depois que as continencias ſe acabàraõ,
Que ſe fizerão primoroſamente,
Logo da praça ufanos ſe apartàraõ
Da guarda o Capitaõ, & o ſeu Tenente.
Os que alli pelo corro ſe eſpalhàraõ,
Seus aſſentos buſcàraõ em continente,
Bem aſſim como as candidas eſtrellas
Fogem vendo de Phebo as luzes bèllas.

68

Sem gente a praça eſtava quãdo hũ bruto,
Fiando muyto na braveza crùa,
Acomète aos capinhas reſoluto,
Por armas eſgrimindo meya lua.
Porèm pagando a Clòtos o ſeu tributo,
Topou nas ſortes a deſgraça ſua,
Tornando-ſe para elle em breve inſtante
O que foy meya lua, entaõ minguante.

69

Hum cavallo regendo a maõ ſineſtra
(Quando ao corro outro touro jà ſahia)
SaheLourẽçoMonteyro, & traz na dextra
A gadanha que Clotos eſgremia,
A Marte aſſemelhava na paleſtra,
Se no gentil, Adonis parecia,
Pelo que jà ſe julga em toda a parte
Galhardo Adonis, valeroſo Marte.

70

As continencias fez com bizarria,
Ao bruto reprimindo o ardente fogo,
E depois de acabada a corteſia,
Deſafiar ao touro partio logo.
Porèm vendo que delle ſe deſvia,
E que não obedece a nenhum rogo,
Do corro ſe retira ſem deſdouro,
Quanto que conheceo o medo ao touro.

71

Foy mudar de cavallo o Cavalleyro,
E logo o campo buſca valeroſo,
O touro vay buſcar que tem fronteyro,
Na viſta mais, que em obras, eſpantoſo:
Quando mais o provoca o bom Móteyro,
Mais ſe retira o pobre temeroſo,
Entendendo que logra na fugida,
Aquelle eſpacio breve para a vida.

72

Buſca outra vez, & muytas alentado
O cornifero bruto, que temido,
Quando mais das garrochas incitado,
Entaõ ſe moſtra menos atrevido.
Da fraqueza do Touro provocado
Vay o Monteyro tão enfurecido,
Que não roubàra Jupiter a Europa,
Se naquelle conflicto acaſo o topa.

73

Aos capinhas deyxou o deſafio,
Sem que mais faça ao bruto competencia,
Entendendo politico no brio,
Não pòde haver valor ſem reſiſtencia.
Com elles ſe houve o touro menos frio,
Incitando-o das chammas a inclemencia,
E ſuppondo vingar a iniqua morte,
Deu lugar a fazerlhe alguma ſorte.

74

Outro Ethiope bruto que nas pontas
As armas Turcas traz, ſahe ao terreyro,
Eſcarva a terra dando ao ar afrontas,
No leve pò que ſobe liſongeyro.
Mas lançando melhor depois as contas
Fugio (como os demais) do Cavalleyro;
Que ſe o riſco, & o temor menos parece,
Sempre à viſta do riſco, o temor creſce.

75

De fogo leva garrochoés a pares,
Em tanta copia o bruto truculento,
Que a ſentir tanto fogo o de Fallares,
De Perillo mayor fora o tormento.
O negro bruto envolto em taes pezàres,
Bramindo deſafoga o ſentimento,
Porèm no temor frio moſtrou logo
Mais alentos de neve, que de fogo.

76

Outro touro ſahio, & finalmente
Sahiraõ ſete, ou oyto de tal porte,
Que das ſortes ſe afaſtaõ brutamente,
Indignos de lograr taõ feliz ſorte.
Do rojam qualquer foge diligente,
E para ſe eximir das leys da morte,
Se pudèra (ſem duvida imagino)
Com Tauro entràra no celeſte Signo.

77

Não culpo a manſidão com q̃ ſe houveraõ
Os brutos na fraqueza, que moſtràraõ,
Pois como hũ Marte armado conhecèraõ,
O temor os deſculpa no que obràraõ.
Senão foy que a grandeza mais temèraõ
Do famoſo ViRey, que reſpeytàraõ;
Que às vezes a mayor ferocidade
Venerações tributa à Mageſtade.

78

Incitados os touros dos capetas,
Algumas ſortes ouve divertidas,
Valendo-ſe de aſtucias, & de tretas
Para poder livrar das enveſtidas.
Entre ellas ouve algumas muy ſelectas,
Que dèraõ goſto em ſer bem ſuccedidas,
E ſe foraõ de todos eſtimadas,
Do ſupremo ViRey forão premiadas.

79

Das fogoſas garrochas incitado
O derradeyro touro enfurecido,
Ao Cavalleyro buſca, que arrojado
O ſegue, porque o lenço vio cahido:
Com a eſpada o buſcou deſeſperado,
Ficando de ſeus fios taõ ferido,
Que eſteve hũ breve eſpacio a vida abſorta
Para ſair buſcando a melhor porta.

80

Rematados os touros neſte dia,
Entrou galan no outro, & muyto ayroſo,
(Roubando as attençoẽs a quem o via)
O Meyrinho fatal Miguel Cardoſo:
As continencias fez com bizarria,
E recebendo as ordens cuydadoſo
Do lugar ſe retira ſem deſdouro,
Dando-o tambem a que ſahiſſe o touro.

81

Da brandura dos touros enfadado,
Não quiz tornar ao campo o Cavalleyro,
Por não poder moſtrar com deſenfado
Sabe ſer para as fèras bom Monteyro:
Por iſſo à ſorte ſahe qualquer ouzado,
Levando a melhor ſorte em ſer ligeyro,
Juntandoſe da praça no deſtricto,
De capetas hum numero infinito.

82

Com graça varias ſortes ſe fizerão,
Em que algũs mais ligeyros ſe moſtràrão,
Por cuja cauſa o premio merecèraõ,
Devendo à ſorte o premio que ganhàraõ.
Como chuva as moedas parecèraõ,
Que do illuſtre Palacio lhe lançàraõ,
A' imitação daquella chuva de ouro,
Que a Danae corrompeo cõ vil deſdouro.

83

Eſta foy (ViceRey eſclarecido)
Em ſumma, do Araujo a feſta grave,
Que para deſcrevella como ha ſido
Delejàra de Orphèo a voz ſuave;
De Amphiam o inſtrumento diver tido,
As clauſulas ſonoras daquelle ave,
Que fòrma nos penultimos alentos
Doces endechas, metricos acentos.

84

Deſte volume pois no raſgo breve,
Por certo obſervareis, que quem ſe anima
A paſſar os temores, que já teve,
Voſſa gloria (Senhor) em muyto eſtima.
Succinto quadro foy, o que deſcreve
De tanta feſta a penna, em toſca rima,
Pois he força diffira no treſlado,
Quando tem de ſer vivo, a ſer pintado.

85

E ſó ſinto não ter ſciente agora
Do Grego, do Latino, & do Thebano,
As clauſulas da citara ſonora,
As cadencias do plectro ſoberano,
Com que atè lá nos pàramos da Aurora
Cantaſſe (invicto Ceſar Luſitano)
A gloria com que a Fama vos retrata
Em tiorbas de Ofir, com voz de prata.

86

E assim já, que da vòz no desalento,
Desmaya a penna o voò remontado,
Ao plectro desanima o tosco acento,
Confunde a lyra o dissonante bràdo.
Prestame a tuba (oh Numen, q̃ do vento
Discorres o paiz illuminado)
Para q̃ em meu lugar, com mayor pompa
Colluros rasgue, parallelos rompa.

FIM.

AO DESEMBARGADOR CAETANO de Brito de Figueyredo ſobre a narraçaõ das feſtas, que na Cidade da Bahia ſe fizeraõ ao Excellentiſsimo Senhor Marquez de Angeja, pelo naſcimento de hum Neto, dirigidas, & ordenadas pelo Meſtre de Campo Joaõ de Araujo de Azevedo.

SONETO.

QUanto obrou em obſequios a Bahia
Do ſeu ViRey, q̃ hũ Neto feſtejava,
Foy muyto para as moſtras do que amava,
Foy pouco para os cultos que devia.
Sò Caetano á voſſa fanteſia
A narraçaõ das feſtas lhe tocava,
Que hum cabo generoſo dedicava,
E hum General ſupremo recebia.
Tudo em voſſo papel eſtá ſubido,
A Eſphera grande, o voo remontado,
E o applauſo altamente encarecido.
E naõ ſey quẽ mais fama haja alcãçado,
Se a ſua gloria no que tem creſcido,
Se a voſſa penna no que tem voado.

Sebaſtiaõ da Rocha Pita.

AO

AO DESEMBARGADOR CAETANO de Brito de Figueyredo Corregedor do Crime na Relaçaõ da Bahia, na eruditiſsima narraçaõ, que fez das feſtas, com que os habitadores daquella Cidade applaudiraõ o feliciſsimo naſcimento do Primogenito Varaõ da illuſtriſsima, preclariſsima, & excellentiſsima Caſa de Villa Verde

Por ſeu muyto affecto anagrammatico

SAFO PONDESA AMICATTI.

SONETO.

ALta, ſutil, laconica, elegante,
Diſcreta, douta, critica, eloquente,
Deſcreve, narra, conta felizmente
Voſſa pena as acçoens do povo amante.

Feſtivos cultos, que o amor conſtante
Fino apura, conſagra reverente,
Na proſa complicais tão docemente,
Como no grave metro modulante.

Se tanta erudição em vòs ſe inflamma
Para illuſtrar a heroica, & digna hiſtoria,
Em eſtatuas a memoria vos acclama;

Porq̃ a bem merecida immortal gloria,
Quãdo nos ſeus annaes a imprime a fama,
Nos bronzes ſe eterniza da memoria.

AO DOVTOR O DESEMBARGADOR Caetano de Brito de Figueyredo, Ouvidor geral do Crime, pela narraçaõ que fez das feſtas celebradas ao Excellentiſsimo Senhor Marquez de Angeja Vi-Rey, & Capitaõ general do mar, & terra, &c. pelo Meſtre de Campo Joaõ de Araujo de Azevedo.

SONETO.

SObre as azas da Fama celebrada
Por douta, por ſutil, por eminente,
Por ſabia, por aguda, & por corrente
Voarà voſſa penna remontada:
Pelas Aulas celeſtes jà levada,
Collocada ſerà por excellente
Lá nas azas da Fama feliz mente,
Para ſer ainda là mais venerada.
Porèm, oh que ſuſpenſa a meſma fama
O voo abate, & a pezar da inveja,
Em amor deſta penna já ſe inflamma!
Feliz penna, que a Fama aſſim corteja!
Mas ſe a Fama eſta penna tanto ama,
Naõ he pena eſta penna, gloria ſeja.

Eſcrevia
Luis Canello de Noronha.

AO DOVTOR CAETANO DE BRITO meritiſsimo Corregedor do Crime na Relaçaõ da Bahia, em louvor da elegancia com que deſcreveo as feſtas, que nella ſe fizeraõ pelo feliz naſcimento de hum Neto do Excellentiſsimo Senhor Marquez de Angeja Vice-Rey do Eſtado do Braſil.

SONETO.

HOje poẽ em queſtão, prudéte Numa,
O ſolar de Noronha eſclarecido,
Qual obſequio dos dous mayor ha ſido,
Se o das feſtas, ſe o de voſſa pluma:
Porque ſuppoſto, com grandeza ſúma,
O hajaõ tantos cultos applaudido,
Se vê do voſſo engenho competido
O noſſo zelo, porque mais preſuma.
Mas ſe chega o problema a diſcutirſe,
Serà bem, douto Brito, o reſolverſe
Que a voſſa pluma ſoube aventajarſe;
Pois ſe deve á aquelles o applaudirſe
Eſſa luz, que naſcida deyxa verſe,
Neſſa penna voarà a eternizarſe.

AO DESEMBARGADOR CAETANO de Brito de Figueyredo fazendo Relaçaõ das festas, que se celebràraõ na Cidade da Bahia ao felicissimo nascimẽto do Senhor DOM PEDRO DE NORONNA, *filho do Excellentissimo Senhor Conde de Villa-verde, & dignissimo Neto do Excellẽtissimo Senhor Marquez de Angeja.*

Por hum intimo amigo do Author.

SONETO.

TAõ douto sempre (Brito) vos haveis,
Que não sey distinguir onde o sois mais;
Se nessa Relaçaõ onde votais,
Se nesta Relaçaõ que hoje fazeis.
Em ambas ao discurso suspendeis,
E creditos à Tòga grangeais,
Là pela rectidam com que julgais,
Cà pela discriçam com que escreveis.
Escrevey, & julgay (Brito excellente)
Que nisso gloria à patria se lhe ordena,
Pois julgando, & escrevendo juntamente,
(Se ouvis as vozes de hũa inculta avena)
Alma às leys infundis có a vossa Mente,
E gloria à Patria dais cò a vossa penna.

AO

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

Marquez de Angeja, ViceRey, & Capitão general do Brasil, offerecendolhe a Relaçaõ das festas dedicadas ao mesmo Senhor em applauso do fausto Natalicio do Excellentissimo Senhor Dom Pedro de Noronha seu felicissimo Neto.

SONETO.

ESTes que o obsequio dedicou festivos
Caracteres de amor, votos do affecto,
Tornay agora a ver em novo objecto,
Desempenhos no applauso discursivos.

He theatro o papel, donde expressivos
Rasgos descrevem, quanto foy projecto
De inclyta ostentação, culto selecto,
Debeis aqui porèm, quanto là activos.

Lá pode a bizarria, a pompa, o ornato,
Levar a admiração, o assombro, a vista,
Quanto aqui se escurece no retrato.

Quãdo o impulso vosso aqui me assista,
Serà hum, & outro objecto, sempre grato,
Pregoeyra a Fama, o Applauso Coronista.

DIA-

DIARIO PANEGYRICO.

RELAÇAM

DAS FESTAS

QUE NA FAMOSA CIDADE DA Bahia ſe fizeraõ em applauſo do fauſto, & feliz Natalicio

DO EXCELLENTISSIMO SENHOR

DOM PEDRO DE NORONHA,

Glorioſo Primogenito dos Excellentiſſimos Senhores Condes de Villa-Verde.

DRIMEYRO que nos eccos, & clarins da Fama, nas vozes, & acclamaçoẽs do applauſo, em 11. de Novembro de 1716. na inclyta, & Real Cidade do Salvador, Bahia de todos os Santos, populoſo, & opulento Emporio do Luſitano Bra-

Braſilienſe Imperio, Corte, & Metropoli dos Eſtados da Portugueza America, celebre, & famoſa nas letras, & nas Armas, no eſplendor, Nobreza, & trato de ſeus habitadores, governada felizmente pela Juſtiça, Prudencia, & vigilancia do Excellentiſſimo, & Preclariſſimo ViceRey o Senhor Dom Pedro Antonio de Noronha, Marquez de Angeja, Conde de Villa-Verde, dos Conſelhos de Eſtado, & Guerra de Sua Mageſtade, & Vèdor da ſua fazenda, que jà ViceRey da India deyxou na Aſia huma perpetua ſaudade, & glorioſo, & heroico General das Armas Portuguezas ſe coroou em Europa de inclytos Troféos; ſe divulgou a fauſta, & alegre noticia de haver naſcido em 17. de Agoſto o Excellentiſſimo Senhor Dom Pedro de Noronha, filho Primogenito dos Excellentiſſimos Condes de Villa-Verde, o Senhor Dom Antonio de Noronha, Governador das Armas da Provincia de Entre-Douro, & Minho, & da Senhora Dona Luiza

Luiza de Menezes, filha dos Excellentiſſimos Condes de Tarouca, & aſſim glorioſo Neto do noſſo Excellentiſſimo ViceRey, pelo qual numera dez preclariſſimos, & excelſos Avôs, atè coroarſe com duplicados Diademas, em Dom Fernando Rey de Portugal, & Dom Henrique II. Rey de Caſtella, ſoberanos Progenitores deſta Excellentiſſima Caſa; não menos preclara nos Brazoens, & Timbres das longevas, & inclytas proſapias dos Monizes, & Albuquerques com que ſe eſmalta.

Com igual purpura, & eſplendor ſe illuſtra eſte recem naſcido, luminoſo, & ſoberano Aſtro nos Reaes ſtemas das excelſas, & eſclarecidas Caſas de Arronches, Alegrete, Arcos, & Tarouca, de que tambem he feliciſſimo Neto, os que fauſta, & glorioſamente individuaramos, ſe eſcreveſſemos algum Panegyrico Genealogico, aſſim como deſcrevemos eſta Relaçaõ Panegyrica.

Divulgada pois do feliz Natalicio a deſejada noticia, concorrèraõ os Aulicos Aſſiſtentes, & principal Nobreza da Cidade a expreſſarem a Sua Excellencia com repetidos parabens os alvoroços, & jubilos, que alegremente ſeparados no animo de cada hum, ſe proſtràraõ juntos a patentear o univerſal obſequio com que todos em duplicados vivas igualmente feſtejavão a glorioſa ſucceſſaõ de ſua Excellentiſſima Caſa, que heroicamente immortal na fama com o vatidico annuncio deſte geral contentamento ſe eſpera numere tambem continuada, & preclariſſima poſteridade.

Não ſatisfeytos ſò da referida, & obſequioſa demonſtração os affectuoſa, & devidamente obrigados de Sua Excellencia, tratàrão logo de prevenir publicos feſtejos, para que eſtas notorias expreſsoens, & votos foſſem irrefragaveis teſtimunhos do muyto que à clemencia, & benignidade de ſua Excellencia

lencia ſe dedica, pois ſem que a rectidão da Juſtiça ſe diminua, em tudo feliz, & ſuavemente impera. Sendo de todos o que com primeyro cuidado ſolicitou eſte primoroſo rendimento, o generoſo brio do Meſtre de Campo Joaõ de Araujo de Azevedo, que não perdoando ao diſpendio, & à diligencia, cheyo de capricho, & pundonor, moſtrou na magnificencia o animo, na applicação, actividade, & deſempenho, o valor, & impulſo igual ao que nas campanhas de Alem-Tejo, & Valença lhe facilitou os Triunfos, lhe preparou os louros.

Paſſado o termo preciſo para que concorreſſem de fòra da Cidade algumas peſſoas, que por ſingularmente primoroſas no exercicio de mandar os cavallos, forão convidadas para o determinado feſtejo, & para a prevenção de cuſtoſas, & luzidas galas, conſtrucção

dos palanques, & concerto da praça, que em forma quadrada ſerve de terreyro ao Palacio do Governo, fermoſeada com as Caſas da Relação, Camera, Moeda, & outras particulares. Determinou-ſe o dia decimo de Janeyro para ſe levantar o Maſto, pintado de branco, & carmeſim, coroado de huma grinalda ſobre-dourada, de que ſubia a haſte, em que tremolava huma bandeyra de damaſco branco franjada de ouro, bordados de huma, & outra parte os Reaes Brazões da Caſa de Villa-Verde, fazendo-ſe eſte feſtivo preludio ao eſtrondo de timbales, & tambores, & ſonoros ecos de clarins, & charamelas acompanhadas de ayroſas, & diverſas danças, que reſoavaõ nos ambitos da praça com alvoroçados, & alegres vivas.

Fabricou-ſe

Fabricou-se na frente do mesmo Palacio, na distancia de quarenta passos, o Theatro para as representações Dramaticas, sendo o modello a fachada de outro Palacio, imitada com propriedade, & exornada com sua galaria, por quanto havendo de fazerse as representações de noyte com as tochas que ardessem nas janellas, ficàsse a função primorosamente luzida. Na mesma fachada se abriraõ tres porticos, assim para darem sahida às figuras, como para descobrirem algũas perspectivas, conformes aos lances das Comedias. Nos lados do mesmo Theatro se levantáraõ Torres, & compuzeraõ jardins, tudo com caprichoso artificio, & correspondente aos mesmos lances.

Chegou o dia 20. de Janeyro, destinado para principio dos prevenidos festejos, & tanto que com a ausencia do Sol se cobrio o Emisterio de sombras, apparecèraõ nas janellas da circunferencia da praça innumeraveis luzes, & vistosas luminarias, que

deyxàraõ todo aquelle ambito taõ luminoſo, como ſe o meſmo Sol reſpládeceſſe no ſeu Zenith, & veſtiſſe a noyte as galas do meyo dia, concorrendo tambem arderem em todo o circulo dos palanques, varios archotes, & outros artificios luzentes.

Ao meſmo tempo que as luzes enchèraõ a praça de alegria, não foy menor a q̃ reſultou do armonioſo eſtrõdo de clarins, & charamelas, que alternãdo-ſe inceſſantemente, inquietavaõ os animos com feſtivos alvoroços. Adiantando-ſe o contentamento ao paſſo com que entráraõ a occupar o terreno ſeis iguaes parelhas de ayroſos Cavalleyros, veſtidos de alegres cores, com tochas nas maõs, & ajaezados cuſtoſamente os cavallos, que depois de paſſarem a praça com grave, & vagaroſo movimento, a trilháraõ com repetidas eſcaramuças, que terminando com huma accelerada carreyra, tornàraõ a compôr as parelhas, & retirando-ſe, corrèraõ as principaes

cipaes ruas da Cidade, que feſtejou o acerto, & compoſtura da encamizada.

Nas duas ſucceſſivas noytes continuáraõ as luminarias, & na de 21. ſe repreſentou a Comedia, *El Conde Lucanor*, precedendo hũa diſcreta Loa, acompanhando o fim de cada jornada bem compoſtos, & ayroſos bayles, todos dirigidos ás acçõẽs heroicas, illuſtres prerogativas, & glorioſa ſucceſſaõ de ſua Excellencia, veſtidas, & ornadas as figuras com capricho, & cuſto, de ſorte que tudo fez huma acertada demonſtraçaõ da opulencia, aceyo, & ornato que levou a univerſal attençaõ.

Na de 22. ouve Serenata em Palacio com Cantatas, & Recitados, alluſivos aos meſmos encomios, remontando-ſe a Poeſia com raſgos, & voos, proprios do aſſumpto, ſutìs no conceyto, elevados no eſtylo.

Na de 23. ſe repreſentou a Comedia, *Affectos de Odio, y Amor*, com tanta pontualidade, propriedade, & acerto, que os exercitados muytos annos em ſeme-

lhante genero de repreſentações, podiaõ envejar o deſembaraço, expreſſaõ, & accidentes, com que os Interlocutores deſta acçaõ conſeguiraõ repetidos applauſos. Intervindo tambem a novidade da Loa, bayles, & Entremezes, gala, & ornato das Figuras, numeroſo concurſo dos aſſiſtentes, que tudo ſe unio para ſer o feſtejo deſta noyte plauſivel, & admiravel.

Na de 24. ſe repetio a muſica com variedade de Tonos, & numeroſo Coro de inſtrumentos, armonioſo obſequio dedicado ao meſmo culto.

Em 25. com particular capricho do Capitaõ de cavallos da Corte Antonio Ferraõ de Caſtello-Branco, obſequio, & oblação ſua, ſe repreſentou a Comedia, *Rendirſe a la obligacion*, com tantos elogios na Loa, tanta galantaria nos Entremezes, taõ nova idèa nos bayles, tanta variedade nas danças, jà com minuetes á Franceza, já com invençaõ à Heſpanhola, que deyxado o cuſtoſo das galas, o magnifico

gnifico da oſtentaçaõ, ſò a variedade das repreſentações, & objectos, fez com que a funçaõ foſſe de todos celebrada, & applaudida.

Interpolàraõ-ſe os dias tè 28. para que desfeyto o Theatro, ficaſſe livre a praça para o uſo da cavallaria, na qual precedendo varias danças, timbales, & trombetas, com muytos cavallos á dèſtra (circunſtancias repetidas nas mais tardes) entràraõ no dia mencionado os Cavalleyros em duas quadrilhas, veſtidos à Franceza, huns de encarnado, & outros de amarello, guarnecidas cuſtoſamente as cazacas, guiando a primeyra quadrilha Manoel Marinho Pereyra, & a ſegunda o Capitaõ de Infanteria pago, Bràs Rebello Falcaõ, ſeguindoſe ao primeyro Thomè Pereyra Falcaõ, Franciſco Brandaõ, Antonio Moniz Tellez, Luis Correa da Coſta Capitaõ de cavallos, & Pedro Machado Palhares Capitaõ de cavallos; & ao outro o Alferes de Infanteria pago, Joaõ Felis Machado Soa-

res,

res, o Capitaõ de cavallos Joaõ Pereyra da Palma, Vicente de Argollo & Menezes, o Capitaõ da Ordenáça Martinho Ribeyro de Almeyda, o Eſcrivaõ da Fazenda Joaõ Dias da Coſta, todos peſſoas principaes, & da principal Nobreza deſte Eſtado.

Entràraõ em parelhas, com lanças, & adargas, à gineta, com ricas ſellas, & precioſos adereços, & buſcando a janella, que occupava o Excellentiſſimo Senhor ViceRey, o reverenciáraõ com triplicado, & bizarro acatamento. Dividiraõ-ſe, rodeando a praça, cortejando aos aſſiſtentes, & tanto que ſe encontràrão, formàrão huma eſcaramuça de contoadas, cruzando o terreno, & em varios gyros, & caracòes, & acabada, jugàrão alcanzias cheyas de flores, polvilhos, & aguas cheyroſas, que tudo formava hum viſtoſo objecto, & fragrante ambiente, terminando com a eſcaramuça de hum fio, guiada por Manoel Marinho Pereyra, o feſtejo deſta tarde.

Em

Em 29. tornárão a entrar em parelhas, & precedendo os expreſſados cortejos, ſe forão pondo em forma militar na frente de Palacio, tè chegar a ultima parelha, que divididas pelos lados da praça, forão buſcar o principio da carreyra, que tambem de parelha paſsárão, tirando depois lança de ſortilha, & jugando cannas, fazendo por ultimo hũa eſcaramuça de dous fios, com que ſe deſpedirão.

Logo na meſma tarde, paſſados poucos inſtantes, tornou a entrar na praça Antonio Moniz Felis, que tendo ſòmente a idade de doze annos, manda os cavallos com tanto ar, & deſtreza, que faz bem merecido o mayor aſſombro; apadrinhava-o o Capitaõ de cavallos Luis Correa da Coſta, & buſcando hum, & outro a janella em que eſtava Sua Excellencia, pedindo licença para fixarem no Maſto hum cartel, que trazia o primeyro no Eſcudo; concedida a faculdade, & pendurado o Eſcudo no Maſto, dizia o cartel:

Huma

Hum Cavalheyro Braſilienſe, menos pratico, que curioſo, no ennobrecido exercicio da Cavallaria, em obſequio do Excellentiſſimo Senhor ViceRey Marquez de Angeja, a quem ſe dedicão as preſentes feſtas neſta Cidade daBahia, ſe põem em campo na praça della em a tarde que ſe contão 30. do preſente mez de Janeyro das 3. para as 4.horas, & convida por modo militar a qualquer dos Cavalleyros, que nas ditas feſtas correm, & aos mais que com elle quizerem tirar duas lanças à gineta, das que chama o grande Meſtre deſta Arte, Franciſco Pinto Pacheco, de Riſte, debayxo de todas as regras da diſciplina de ſua grande ſciencia, ſendo premio aquelle, que os Juizes quizerem dar, por ſerem francos, offerecidos da grandeza do Author das ditas feſtas, & ſerà ſacamallo, ficando o vencedor na Tenda, & ſe attẽderà aos defeytos peſſoaes do Cavalleyro,& Padrinho, & não aos do cavallo. Fixado aſſim o dito cartel, ſe retiràrão, & concluhio a acção deſte dia. No

No de 30. de Janeyro, ſe armou a hum dos lados da Praça huma tenda de campanha, paramentada cuſtoſamente para deſcanço do Mantenedor, na qual aſſiſtirão os melhores muſicos, para ſuavizarem as pauzas deſta ayroſa contenda com bem concertadas melodias; prevenidos tambem grandioſamente exqueſitos refreſcos de varios doces, & regalos para os Cavalleyros, & para todos os que quizeſſem entrar na Tenda.

Junto ao pavimento da janella em que aſſiſtia ſua Excellencia, ſe prevenio lugar para os Juizes, ornando-ſe com oſtentoſa grandeza, com panos de veludo, & brocado, & forão os nomeados Juizes para eſta função, o Coronel Secretario de Eſtado Gonçalo Ravaſco Cavalcante & Albuquerque, que diſcreto, prudente, generoſo, & magnifico, merecia occupar o mais ſupremo Areopago. Não ſendo menos o Capitaõ de Cavallos das Tropas da Corte Antonio Ferraõ de Caſtello-

branco,

branco, que no exercicio, & deſtreza militar ſe fez condigno Juiz deſte deſafio equeſtre. Succedendo igualmente o meſmo com o terceyro Juiz Miguel Telles Barreto, que no capricho, deſtreza, & primor he hum dos melhores Cavalleyros deſta America; & todos os tres Juizes ſingularmente primoroſos neſta ayroſa faculdade. Ao lado eſquerdo deſte generoſo Tribunal ſe armou hum aparador com varios, & ricos còrtes das melhores Primaveras, muytas & exquiſitas peças de fitas de pezo para os premios deſtinados aos vencedores.

Das 3 para as 4. horas da tarde occupada a praça de innumeravel concurſo, as janellas de Perſonagens, & bizarrias, que no brilhante das fermoſuras, na oſtentação das galas, nos caracteres das Dignidades, & cargos, ennobreciaõ decoroſamente o Acto. Entràrão os Cavalleyros aſſiſtidos da numeroſa comitiva, & buſcãdo a janella occupada por Sua Excellencia,

cia, esperàrão chegasse o Mantenedor, que entrou tão bizarro, & ayroso, que com emulaçoens de Marte, merecia os applausos de Adonis sendo mais o ar da sua galhardia, que o com que do chapeo lhe tremolava hum cocar de plumas: levava por empreza na adarga pintada huma Villa, & huma Palma, & por Epigrafe as palavras de Job: *Sicut Palma multiplicabo*; escrita em circulo com letras de ouro a Copla seguinte:

Exaltada como Palma
Te veo Heroica Villa,
Siendo el Alma tu color
Para dilatadas vidas.

Montava em hum cavallo ruço rodado, taõ grave, & ayroso, que parecendo Ipogrifo no ligeyro, & levantado, no sezudo, & pauzado, não parecia bruto: sella, & arreyos tão custosos, que não podia subir a mais a ostentaçaõ, & ornato. Com igualdade

igualdade em tudo, o acompanhava o Padrinho, ſendo nos mais Cavalleyros tanta a bizarria, & pompa com que entràrão eſta tarde, que bem moſtravaõ exceſſos de capricho, & generoſidade.

Feytos a Sua Excellencia os triplicados acatamentos, aos Juizes a devida reverencia, gyrando a praça, & cortejando aos circunſtantes a hum, & outro lado, acompanháraõ o Mantenedor atè a prevenida tenda, na qual o deyxàrão. Logo ſe offereceo ao deſafio o primeyro aventureyro, & paſſadas ayroſa, & velozmente as duas declaradas carreyras, ficou o Mantenedor vitorioſo, & levou o primeyro premio, que obſequioſo dedicou a Sua Excellencia. Alternárão-ſe as contendas, & variando a Fortuna com os premios, ficou no campo, & occupando a tenda como Mantenedor, o Eſcrivão da Fazenda Joaõ Dias da Coſta, coroando-ſe com geral applauſo.

Pareceo

Pareceo tambem eſte feſtejo, aſſim na variedade dos ſucceſſos, ſupplicas, & galantaria dos Padrinhos, & acertadas determinaçoens dos Juizes, que ſe continuou na tarde de 31. terminando-ſe eſta com a eſcaramuça de hum fio, que guiou Manoel Marinho Pereyra.

O primeyro de Fevereyro, repetidas as ceremonias da entrada, & cortejos, paſſárão os Cavalleyros parelhas, corrèraõ carneyros, & patos, & jugárão laranjadas, dando fim com a eſcaramuça de hum fio, guiada pelo Capitão Brás Rebello Falcão, retirando-ſe com tantos vivas, acclamaçoens, & applauſos, de quantos ſe fizerão acrèdores na ſua deſtreza, bizarria, & oſtentação.

Em 6. de Fevereyro ſe corrèrão touros, principiando-ſe a feſta deſte dia, entrando na praça, logo que ſua Excellencia appareceo á janella, o Meyrinho da Corte Miguel Cardozo, que feytas as corteſias,

& dando lugar a que muytas, & diverſas danças repetiſſem alternados movimentos, tomou ordem para dar aviſo, a que vieſſe o Capitão de cavallos Luis Correa da Coſta, que neſte dia fez a funçaõ de Capitão da guarda, indo por Tenente Antonio Munis Telles, acompanhados de 24. Alabardeyros, & aſſiſtido cada hum de 8. lacayos, 4. veſtidos ao uſo barbaro, nùs da cintura para cima, com os corpos pintados, bandas, & coronilhas de plumas, colleyras, braceletes, jorcas de prata ſobredourada, ſayetas de eſcarlata cubertas de paſſamanes de prata, & ouro, dous Andarins veſtidos de Primavèra, & os dous lacayos da eſtribeyra, veſtidos de panno berne apaſſamanados de prata com plumas verdes nos chapeos. Feytas as corteſias, & deſpejando a praça, ſe ſoltou o primeyro touro, que corrèraõ os toureyros de pè, remunerados de Sua Excellencia com liberaes premios, & de outras muytas pel-

ſoas em applauſo do meſmo Senhor, o que ſe continuou nos mais a que fizeraõ ſortes, em huma, & outra tarde.

Ao ſegundo touro entrou o Cavalleyro, que foy o Ajudante Tenente Lourenço Monteyro em hum cavallo, que naſcido na America, moſtrava ſer generoſo parto dos campos Andaluzes, ajaezado de cuſtoſos arreyos, & concertado com huma caprichoſa clina de encarnado, & prata, ornada de laços, & flores da meſma prata, & ſeda, que oſtentava igualmente o precioſo, & o exquiſito; acompanhavão-no dous criados, veſtidos pompoſamente, para lhe adminiſtrarem os rojoens; & feytas as corteſias a ſua Excellencia, buſcou denodadamẽte o touro, & por eſte não inveſtir, nem dar lugar a ſe lhe fazer ſorte, ſahio a mudar de cavallo, tendo prevenidos 6. para a meſma função com clinas de diverſas cores. Tornou a entrar buſcando repetidamen-

te os touros, & porque vindos de larga diſtancia, tinhão perdido os alentos, impedindo aſſim o emprego dos rojoens, a hum que foy mais eſperto, matou o Cavalleyro à eſpada; alguns dos outros ſe inquietavão com garrochas de fogo, & outras invectivas que fizeraõ viſtoſo o eſpectaculo.

Na ſeguinte tarde entrou ſó na praça o Meyrinho Miguel Cardozo de Sà, & fizerão os Toureyros de pè muytas, & diverſas ſortes, premiados em todas, & por remate ſe achou obrigado o dito Meyrinho a deſmontar, & inveſtir hum dos Touros á eſpada, o que fez com denodado valor, & geral aceytação do povo.

Aſſim ſe terminàrão as publicas demonſtraçoens, & obſequioſos feſtejos, dedicados à glorioſa ſucceſſaõ de Sua Excellencia; não os affectos, & cultos, que perennes nos animos de todos com louros

louros immortaes, com ſempre glorioſás Palmas, já tecem Diademas, jà deſtinão coroas para os Heroes futuros que naſcèraõ glorioſos, a eternizar felices o inclyto eſplendor deſta Excellentiſſima Caſa, que occupando o indelevel trono da memoria, ſerà immortal nos vivas do applauſo, nos Obeliſcos da eternidade, &c.

66-207
19 March 196
R.B. Rosenthal

C718
L732a